

Outubro de 1990.

AULA 25

Texto: BIOGRAFIA E DESTINOLOGIA

- 1) Princípios de estudo biográfico
- 2) O conhecimento biográfico é preferencial nos estudos do ser humano
- 3) A psicanálise é esquema auxiliar mas não fundamental
- 4) A cronologia de carreira é feita segundo um princípio de seleção que não é intrínseco à biografia do indivíduo.
- 5) Você não compreenderá no outro o que não compreende em si mesmo.

Muito bem. Estamos aqui reunidos, nesta 6ª rodada de aulas do Curso de Astrocaracterologia, para entrar agora no estudo da biografia, o desenho da vida humana. O caráter, como foi dito, é o fundo de uma vida que é incessante mudança. Para encontrá-lo, devemos coar a biografia, a narrativa das mudanças, até que se deposite no fundo da peneira o resíduo fixo.

Não é só por isto que o estudo da biografia nos importa. Em toda atividade psicológica, ou psicoterapêutica, ou pedagógica, ou em qualquer dos campos com que a astrologia faz parede-meia, o que o profissional tem diante de si é uma vida humana; uma vida, não em sentido biológico, mas em sentido biográfico, existencial. Uma vida feita de esperanças, de atos, de derrotas e vitórias, uma vida, enfim, que só se compreende ao contá-la. Devemos, pois, preparar-nos no estudo desta forma especial de conhecimento que é a narrativa. Conheço um indivíduo, no sentido existencial, quando ele me conta a sua vida, quando assisto ao seu desenrolar, quando, em suma, sei narrá-la.

A narrativa de uma vida pressupõe uma seleção e ordenação das partes e episódios, de modo que a massa confusa adquira um perfil, uma forma narrável. Esta seleção e ordenação, precisamente, requer o concurso de um critério, de um esquema de avaliação, ou seja, daquilo que denominei antroposição, ou, se quiserem, antropologia filosófica.

Vimos, nos parágrafos anteriores, como a antropovisão corrente entre os astrólogos é defeituosa e insuficiente; vimos como, por ela, pouco podemos compreender da vida individual humana -- seja da vida de grandes personagens, ou seja da vida do mais humilde de nossos clientes.

Redigi estas páginas pensando que o estudo da antropovisão, como critério do estudo biográfico, requeresse tais palavras de advertência.

O que vamos fazer em seguida é um empreendimento da mais alta significação não só para a formação intelectual e profissional dos alunos, mas para a avaliação da vida e dos valores de cada qual, pois, se é compreendemo-nos a nós mesmos que chegamos a poder compreender os demais seres humanos, é contando a nossa vida que aprenderemos a contar a alheia. Este ponto do nosso curso requererá dos alunos um extremo esforço de veracidade, de objetividade, de fidelidade à própria consciência. Ele será um mata-burros onde sem dúvida tropeçarão todos os arrogantes e pretenciosos, que, construindo sua vida sobre ilusões, necessitem cultivar ilusões, inversas e complementares, sobre os demais seres humanos.

Até o momento, esta turma de alunos tem revelado capacidade e sinceridade. Não me falhem agora.

PRINCÍPIOS DO ESTUDO BIOGRÁFICO

1. Sou essencialmente idêntico ao indivíduo estudado.
2. Sou existencialmente diverso.
3. O homem é sujeito (autoconsciente) das suas ações.
4. O homem é objeto (consciente ou não) das ações alheias.

5. Princípio historiográfico de Karl Marx: os homens fazem sua própria história, mas não a fazem num cenário livremente escolhido.
6. Princípio historiográfico de Ortega y Gasset: a reabsorção da circunstância é o destino concreto do homem.
7. Todo ato tem significação.
8. Todo ato tem causa.
9. A vida individual começa a completar-se na morte.
10. Prossegue completando-se depois, pelos resultados.
11. A vida individual pode e deve ser julgada: cada um julga sua vida, e age conforme este julgamento.
12. A primeira coisa a conhecer é a meta ou aspiração.
13. A meta tem sua história. Não surge pronta.
14. A meta possui um aspecto endógeno e outro exógeno.
15. A significação depende da meta.
16. Onde não há meta, a vida explica-se pelas causas.
17. Um ato inteiramente redutível às causas não tem significação subjetiva, mas pode ter significação objetiva.
18. Não se deve recorrer à explicação pelas causas objetivas enquanto não se esgota pelo significado subjetivo.
19. Estabelecer, em cada caso, a proporção entre significado e causa.
20. A descrição do cenário deve ser feita em três perspectivas: (a) segundo a ordenação de valores ditada pela meta; (b) segundo a ordenação de valores vigentes no cenário mesmo; (c) segundo a nossa atual ordenação de valores.
21. Pode haver momentos e eventos sem significação mas não sem causa.
22. Equilibrar a identificação simpatética e o distanciamento crítico segundo as três perspectivas indicadas no item 20.
23. Biografia é drama.
24. O protagonista é a consciência e liberdade.
25. O antagonista é a lei de inércia.
26. Há inércia positiva, reabsorvível.
27. E há a fatalidade.
28. Há vidas interrompidas no meio.
29. Há vidas que cessam antes do fim.
30. A meta implica papéis, acidentais ou essenciais.
31. Certas vidas expressam a autoconsciência do cenário mesmo.
32. Noutras, a autoconsciência é absolvida no cenário.
33. Contar uma vida é julgar a nossa própria vida.

VERSOS PARA MEDITAR

- I. Tel qu'en lui-même enfin l'éternité le change (Mallarmé).
- II. E forse io solo/so ancora/que visse (Ungaretti).
- III. Du musst dein leben andern (Rilke).

Muito bem, agora vamos entrar numa parte particularmente grave, que é o estudo da biografia:

A primeira e a mais óbvia a utilidade deste estudo é que facilitará o seu trabalho a respeito dos biografados escolhidos para isso. Mas não é por isto que vamos estudar a biografia -- é porque o conhecimento biográfico é preferencial em todos os trabalhos e estudos que se referem ao ser humano. Nas profissões que temos em vista, tais como a de psicólogo, psicoterapeuta, jurista, advogado, delegado de polícia, assistente social, astrólogo, em todas elas o dado inicial é o conhecimento de uma biografia, no todo ou em parte. O médico tem que fazer a anamnese, que é o contar da história médica, na qual entram alguns detalhes que talvez não sejam diretamente médicos, mas podem influenciar no estado de saúde do sujeito. O que faz o delegado de polícia? Ouve a história, o depoimento, testemunhos. O psicoterapeuta faz a mesma coisa: escuta a história do paciente.

Em todos esses aspectos a biografia é um dado absolutamente fundamental, e de fato me surpreende que o estudo (não da técnica de elaborar biografias, que é um problema exclusivo do historiador, mas a compreensão das biografias), nunca tenha sido uma matéria em nenhuma das faculdades afins. Acho isso um absurdo! Se um indivíduo não entende qual é o processo que dá forma à narração de uma vida humana, então ele vai avaliar aquela parte que lhe foi contada com uma espécie de régua de borracha, de maneira inteiramente subjetiva.

Imaginemos o caso de um delegado de polícia: ele ouve o sujeito contar uma parte de sua vida como um aspecto abstrativamente selecionado, quer dizer, vai se ater somente àquelas partes que interessam ao inquérito policial. Porém, conforme se lê no código de Processo Penal, é obrigação do delegado e do juiz informar-se sobre as circunstâncias da vida da vítima, do réu e, para fazer isso, ele certamente necessitaria de uma técnica interpretativa, do mesmo modo como um médico. Quem disse que quando alguém vai ao médico vai contar os pontos que são verdadeiramente significativos? Pode contar outras coisas e isso se torna mais grave no caso dos médicos homeopatas, cujo diagnóstico é baseado quase que inteiramente na narrativa e na resposta do paciente.

Quer dizer que o depoimento do sujeito é peça fundamental para o seu diagnóstico, o que leva a supor, às vezes erroneamente, que ele está contando os pontos significativos. Para saber se o episódio interessa ou não é preciso projetá-lo contra um pano de fundo que, às vezes, é uma vida inteira ou pelo menos uma parte da vida.

Para qualquer desses setores, qualquer área de estudo ou prática que lide com a vida de indivíduos, saber contar uma vida e saber compreender uma vida que está sendo narrada é essencial.

É fácil ver que todas as vidas se desenrolam no tempo, ou seja, o indivíduo nasce em algum ponto e morre e considera-se que a biografia acabou aí. Podemos conjecturar a respeito de suas vidas anteriores ou futuras, mas isso não faz parte da biografia. Entendemos também que todas as vidas se dispõem numa seqüência, isto é, numa ordem cronológica, num "antes" num "depois". E entendemos uma relação qualquer entre o antes e o depois, o que significa que os episódios se unificam e o ponto da unidade deles é o que chamamos de sujeito humano, indivíduo humano. Porém, até que ponto os eventos que sucederam a este indivíduo interessam à sua história pessoal? Quais são os acontecimentos relevantes? Quais se dissolvem numa espécie de massa anônima que pertencem à vida de outros indivíduos? ou à vida de ninguém? Qual é o processo seletivo que nós devemos usar?

Por exemplo, logo que você nasceu, qual era a cor da sua chupeta? Azul, rosa, amarela? Que importância isso tem? Depois do Freud, a humanidade toda acredita que os acontecimentos da primeira infância podem ser decisivos, podem ser determinantes, podem ser causas eficientes de eventos que vão se produzir vinte ou trinta anos depois. Mas dos eventos da primeira infância, poucos testemunhos há, poucas testemunhas restam, a memória deles é deficiente, pode ser que ninguém se lembre. Neste caso, a parte mais significativa da vida do indivíduo estaria escondida e praticamente inacessível. Vejam então que, tão logo começamos a contar a vida, já começam a nos faltar elementos, ou seja, a narrativa se torna problemática já no primeiro lance, quer dizer, na primeira infância.

P. : E a questão do inconsciente?

Segundo Freud,

O inconsciente é gerado, não é algo que o indivíduo possui ao nascer, concepção aliás contrária à Jung, que supunha um inconsciente pré-existente ao indivíduo, um inconsciente coletivo. Mas o inconsciente de

que fala Freud tem sua história, ele é formado ao longo do tempo. Se o Dr. Freud tem razão em dizer que o inconsciente é a instância decisiva da vida humana, então oitenta por cento da sua biografia já estaria escondida, o que impossibilitaria fazer a biografia de alguém, a não ser que conjecturalmente, pelos seus atos, interpretemos o seu subconsciente. De fato, a psicanálise teve uma influência muito grande na parte da biografia. Muitos dos bons biógrafos que surgiram no século XX se inspiraram muito na psicanálise, tentando interpretar os atos, de maneira a possibilitar retroativamente a reconstrução de uma espécie de arqueologia da história do inconsciente, com maior ou menor sucesso.

Porém, vocês devem perceber que a psicanálise já é um esquema interpretativo, e um entre uma infinidade. Também podem perceber que a psicanálise incide sobre um determinado aspecto da vida do indivíduo. Por exemplo, a psicanálise não terá nada a dizer sobre as condições econômicas em que o indivíduo nasceu. Isso é alheio à psicanálise. Portanto é fácil entender que como esquema interpretativo, a psicanálise pode ser um elemento auxiliar mas não o fundamental.

O fundamental seria o quê? Uma espécie de antropologia filosófica, um critério interpretativo que servisse para você abarcar todas as vidas individuais humanas, uma teoria da biografia. A teoria da biografia interessou muito profundamente a um dos maiores teóricos da história da ciência que foi Ortega Y Gasset. Que eu saiba, foi o único que penetrou a fundo nesta questão, na estrutura da vida individual, na estrutura desta narrativa da vida humana e o que veremos a seguir devemos muito -- não tudo -- a Ortega Y Gasset.

Podemos ver que se todas as vidas são compostas de tempo, eventos, atos, então todas são compostas da mesma coisa: coisas que acontecem ao indivíduo e coisas que ele fez, daí a fórmula de Ortega y Gasset. "A vida é que fazemos e o que nos acontece", vida no sentido biográfico.

Genericamente falando, todos os conteúdos de todas as atitudes humanas são feitos disto, de coisas feitas e de coisas acontecidas. Precisamos então começar diferenciar as vidas, a nos perguntar em que elas podem ser diferentes. Se todas as vidas se compõem dessas mesmas espécies de elementos, ou seja, de atos e acontecimentos, como elas se diversificam? A primeira e mais óbvia maneira de diversificar a vida chama-se cronologia. Podemos dizer que uma vida durou mais que outra, que uma vida começou antes da outra ou depois da outra. Cronologia significa assinalar alguns pontos importantes. Um ponto evidentemente importante é o nascimento, porque se o sujeito não nasceu, nada pode ter feito ou ter-lhe acontecido.

Assinalamos dois eventos imprescindíveis na vida do indivíduo, o nascimento e a morte. Quando, porém, tendo assinalado esses dois acontecimentos que são uniformemente importantes para os seres humanos, procuramos assinalar mais algum, as complicações começam: depois do nascimento, qual é o primeiro evento que vamos destacar? Qual a coisa mais importante que aconteceu?

Peguem uma enciclopédia ou um dicionário biográfico e procurem ver que acontecimento se destaca, qual é o primeiro acontecimento que o biógrafo (ou enciclopedista) coloca logo após a data do nascimento? Verão que na quase totalidade dos casos será assinalado algo referente aos estudos. Pode ser também algo referente às circunstâncias, mas não a ele, a não ser que tenha acontecido algo excepcional, que reconhecidamente tenha tido importância na sua vida como, por exemplo, a morte do pai de Dostoiévski quando ele tinha cinco anos. Isto é universalmente reconhecido como importante pelos seus biógrafos porque o grande tema dele será, depois, o assassinato do pai. Na vida de Dostoiévski é fácil assinalar esse acontecimento importante, mas em geral os dados que serão assinalados numa biografia típica de um dicionário de enciclopédia serão dados referentes aos estudos e à carreira do sujeito. Isto é assim porque a enciclopédia, o dicionário, encaram o sujeito não pela sua vida pessoal, mas pela sua vida pública, que transcorre através de canais que são os mesmos para todos os seres humanos, canais que têm uma certa uniformidade -- estudo e trabalho.

Isto nos dá um esquema do seguinte tipo: "Fulano nasceu em tal lugar, filho de Beltrano e Ciclana. Fez os estudos primários, secundários, terminando em tal data e foi trabalhar em tal e qual coisa, a partir de tal data. Depois, fez tal ou qual trabalho, meteu-se em tais encrencas, após o que sucumbiu."

Isto é biografia? Não é uma cronologia de carreira.

Qual é o princípio de seleção que orienta a confecção de uma cronologia de carreira? Qual é a meta que o biografado se propôs? Como podemos saber isso?

O sujeito biografado já era conhecido por si mesmo. Tornou-se conhecido para os outros. Portanto, o princípio de seleção de uma cronologia da carreira não está no indivíduo, está em nós, faz parte de nossa biografia.

A carreira de Dante Alighieri chegou até nós através de seus atos, de uma ação por ele praticada -- escreveu A Divina Comédia, cujas consequências se prolongaram pelos séculos e chegaram até nós. Para nós, sem dúvida, este ponto de sua vida é muitíssimo importante. Mas Dante poderia ter escrito outras coisas, talvez até melhores. E se tais coisas se perdessem? Por exemplo, vemos na biografia de Camões que algo assim quase aconteceu: naufragou e lançou-se a nadar, carregando os originais de Os Lusíadas. Por pouco ele não desapareceu da História.

E se acontecesse precisamente isso, se aquele livro se perdesse? Ele poderia ir para casa e escrever tudo novamente, de forma que o livro chegasse até nós. Para nós o que seria importante? Os originais que ele perdeu ou o livro que ele escreveu e chegou até nós? Naturalmente que, para nós, o importante seria o livro que chegou até nós. Para ele mesmo, o mais importante seriam os originais perdidos.

Por aí se percebe que a simples cronologia da carreira pode ser diferente da biografia. A cronologia da carreira é feita pelos resultados de uma vida, pelos seus efeitos. Esses efeitos podem ter pouco a ver com as intenções do indivíduo, podendo até ser-lhe opostos. Como o caso da morte de Júlio César, fato de imensas consequências. Certamente que ele não morreu porque quis.

A morte de certos indivíduos no meio de uma carreira, no meio de um trabalho, no meio de um empreendimento, pode ter consequências históricas, mas essas consequências fazem parte da nossa vida atual e não da dele.

Este é o primeiro mata-burros que nós temos que transpor: o esquema cronológico de uma carreira é feito segundo um princípio de seleção que não é intrínseco à biografia do indivíduo. É feito segundo os efeitos e resultados que desta vida resultaram para outros indivíduos que o biografado não conheceu. De qualquer modo, vocês compreendem que a cronologia é um preliminar indispensável. Se não temos a cronologia, então não podemos contar a vida, porque não sabemos o que aconteceu antes e o que aconteceu depois.

A cronologia nos permite estabelecer diferenças entre biografias que se situaram umas em relação às outras. Porém, ela não nos dá o conhecimento efetivo do indivíduo. É absolutamente necessário, para conhecermos profundamente o indivíduo, que saibamos a seqüência exata dos acontecimentos? Entre as pessoas que você conhece e supõe conhecer bem, quais são as que você conheceu pela ordem dos acontecimentos? Nenhuma, a não ser seu próprio filho. Que dizer que quando você conhece o indivíduo, ele já está vivendo e o instante em que ele lhe conhece também é um instante de sua vida e este é o primeiro evento que você fica sabendo dele.

Com o conhecimento cronologicamente desordenado de uma pessoa, às vezes podemos chegar a uma compreensão muito profunda. Conhecer a ordem exata em que as coisas aconteceram, não lhe garante o conhecimento profundo do indivíduo. Porque o que interessa não é a seqüência cronológica, mas a ordem lógica, que é a hierarquia dos fatores.

Se sabemos quais os eventos que foram os mais importantes e tiveram mais peso para conformação geral da personalidade daquele indivíduo, e sabemos que outros eventos menores estão hierarquicamente colocados abaixo daquele, então o conhecemos de maneira suficiente e podemos dispensar a cronologia .

Tudo isso que disse até agora é só para vocês verem que contar uma vida ou conhecer uma vida não é uma coisa tão fácil quanto parece, e como o exercício de você contar sua própria vida pode levar a imensas decepções quanto ao conhecimento que você tem de si mesmo. Pode ser que você omita coisas que para pessoas que o conheceram pareçam extraordinariamente importantes.

O fato de você ser essencialmente idêntico ao indivíduo estudado (regra no 1) e existencialmente diverso (regra no 2) significa que você e o indivíduo pertencem à mesma espécie. Portanto você deverá compreendê-lo segundo as mesmas categorias com que você se compreende. As categorias que não sirvam para a sua autocompreensão não servirão de nada para você compreender o outro indivíduo. Curiosamente na vida prática existem coisas que sabemos dos outros e não sabemos a nosso próprio respeito. Por exemplo, estamos plenamente conscientes das condições econômicas em que nasceram os indivíduos mais jovens que nós, e, às vezes, não estamos conscientes da condição econômica em que nós mesmos nascemos. Uma boa parte não sabe, mas tem gente que sabe, certamente. A mãe sabe. Isto é um fato muito importante da sua biografia, que você mesmo não sabe mas que um outro sabe. Se não sei qual

era a condição econômica de minha família no instante de meu nascimento, dificilmente o saberei a respeito de outro. A máxima de Cristo, de você tratar o outro como você quer ser tratado é um preceito científico em ciências humanas, não moral. Partindo do princípio dessa identidade essencial, não é um "veneno" em grande parte a postura do profissional (psicólogo, Psicoterapeuta, médico, etc) que examina seu cliente de uma maneira enormemente falsa porque não olha o indivíduo pela identidade essencial mas pela diferença existencial? Não olha o indivíduo como se olha a si mesmo?

Porque se sou psicólogo e um indivíduo vem se consultar, eu olho para o indivíduo através da minha profissão de psicólogo, e o paciente me vê como profissional; é uma relação totalmente desigual, é uma relação em dois planos diferentes e essa duplicidade de planos pode levar a enxergar o indivíduo seletivamente, só segundo o que lhe interessa profissionalmente. Só que esta visão não é real, ela é abstrativa, ela recorta um pedaço, ela corta uma camada e olha só aquela determinada camada. Isto pode levar a uma distorção completa, esse fato pode fazer você não compreender absolutamente nada do que está se passando.

Dessas duas regras -- do conjunto de 33 regras dispostas de maneira mais ou menos casual, de forma a servirem apenas como lembretes -- tiramos uma terceira que é comparar-se. Ao estudar uma biografia, procure o seguinte: se o que você fica sabendo do indivíduo você sabe o correspondente em você mesmo. Por exemplo, é fácil, ao estudarmos a biografia de Dostoiévski, dizemos: ele ficou traumatizado com a morte do pai, e isso fez com que ele mais tarde escrevesse Os Irmãos Karamázov. Mas como eu posso saber concretamente isso? Não saber apenas em palavras porque eu li num livro, mas como é que eu posso compreender o que é isso, se eu não sei o que se passou entre mim e meu pai? Comece por separar o que você compreende e o que não compreende, porque você não compreenderá no outro o que você não compreende em você mesmo.

Isso se refere aos personagens cuja vida você estuda, às pessoas com quem você convive e eventualmente, a seus clientes e alunos, às pessoas que você trata imaginativamente ou intelectualmente, àquelas com que você convive na sua vida cotidiana e àquelas com que você trata profissionalmente.

Se psicólogos, juristas, médicos, etc, se ativessem a essa regra, se não tivessem a pretensão de estar compreendendo sobre o outro aquilo que não compreendem sobre si mesmos, cometeriam menos erros.

Suponham, por exemplo, que se possa explicar os atos de um indivíduo por trauma de infância, pela ideologia de sua classe social, ou por qualquer intenção subconsciente que suponham que ela tenha. Façamos a pergunta contrária: sou capaz de me explicar dessa maneira? Sou capaz de me conhecer dessa maneira?

O hábito que se disseminou, sobretudo graças à Psicanálise, de interpretar o subconsciente alheio, faz com que qualquer psicologia hoje se torne uma espécie de raio-x apontando sobre o subconsciente alheio, procurando as intenções subconscientes o tempo todo, procurando enxergar no indivíduo aquilo que ele mesmo não enxerga.

Há pessoas que raciocinam assim o tempo todo. Mas invertamos a pergunta: o meu subconsciente é tão transparente para mim a ponto de poder, a partir do conhecimento que tenho dele, poder servir de chave para visão que tenho dos atos alheios?

Se não é assim eu estou apenas jogando com palavras. Vamos deixar de lado o tão afamado subconsciente. Porque compreender as intenções conscientes de um indivíduo, conscientes e declaradas, já pode ser algo suficientemente difícil e, aliás, o grande teórico da biografia, Ortega y Gasset, fazia a seguinte observação: "Nunca em toda a história humana ninguém jamais escreveu um livro que explicasse perfeitamente bem por que alguém fez alguma coisa." E este foi o homem que mais meditou sobre a vida individual humana, sobre suas biografias.

Esta será nossa próxima tarefa e o dia que você conseguir reconstituir a cadeia causal que levou o indivíduo a agir desta ou daquela maneira, em algum momento de sua vida, e que você possa ter plena certeza do peso de cada elemento, então você estará apto a compreender a vida de uma pessoa e pelo menos uma vez na vida você vai ter que se dedicar a este trabalho. Pessoas que antes de ter uma formação cultural suficiente, antes de conhecer arte, história, filosofia, etc, são jogadas, aos 18 anos, dentro de uma faculdade de Psicologia, depois de três anos são capazes de explicar, ou pelo menos se acham capazes de explicar as causas subconscientes de praticamente qualquer ato humano. Interpretam pelo inconsciente ou pelo inconsciente coletivo ou pelos anéis de Reich, ou pelo "raio que o parta", tudo o que se passa no

mundo. Isso porque não se deram ao trabalho de tentar alguma vez na vida pensar por que alguém fez alguma coisa.

Porque qualquer ato humano, pela multiplicidade de causas concomitantes, pode ter uma causa subconsciente, uma causa lógica, uma causa freudiana, ou ser explicado pelos anéis de Reich, pela influência planetária, pela ideologia da classe social, pelos reflexos condicionados ... Ora, certamente tudo isso pode ser entrado ao mesmo tempo e se você, nem mesmo uma única vez, tentou ver a complexidade das causas, o universo total das causas e reconstituir a hierarquia para saber o que importa e o que não importa, então certamente a sua visão está distorcida. Se você estudou psicanálise freudiana, vai explicar tudo pelo inconsciente do indivíduo, não porque seja realmente a força determinante do caso e sim porque é a única coisa que você conhece. Se você teve uma formação marxista, você vai explicar tudo pela ideologia da classe do sujeito, não porque isso seja, realmente, determinante nos seus atos, mas porque é o critério que você conhece. Vamos tentar então uma única vez enfocar um ato, algum episódio e reconstituir o universo das causas. Não totalmente, porque isto só Deus sabe, mas estendendo ao máximo o número dos pontos-de-vista, os ângulos explicativos que poderiam coincidir, sejam reflexos condicionados, traumas de infância, ideologia, hábitos, tudo o que você queira para um caso bem simples e depois mapear para saber o que foi determinante, sem excluir uma causa muito importante que as pessoas geralmente esquecem que é a liberdade do sujeito.

Há muitas coisas que têm causas subconscientes, porém a causa subconsciente não é determinante, porque ela por si só não poderia levar o indivíduo a fazer algo.

...

Imaginemos um caso qualquer: alguém me oferece dinheiro e aceita. Pode ocorrer de o sujeito saber todas as causas psicológicas e ocultas que me levam a aceitar o dinheiro. Pode só não saber a razão que explicitamente apresentei. Ele então me compreende em função de um outro esquema interpretativo que não é o meu, o que significa que ele compreende tudo, menos eu. Esta é uma doença que está dissimulada nos meios psicológicos e particularmente nos meios ocultistas.

Aquelas duas advertências iniciais se destinam a corrigir isto, a corrigir o hábito de explicar o indivíduo por categorias pelas quais vocês não podem explicar a si mesmos. A diversidade das motivações humanas é quase infinita, porém, uma motivação que escapa totalmente às minhas possibilidades, uma motivação que seja totalmente impossível para mim, que eu não consiga conceber, certamente eu não vou conseguir compreendê-la em outro ser humano.

Observemos que o homem é sujeito autoconsciente de suas ações e o homem é objeto consciente ou não das ações alheias.

Atendo-nos aquela primeira regra, vamos perguntar o seguinte: A respeito de mim mesmo, quando conto a minha vida, sei distinguir quais são os atos que pratiquei livremente como sujeito autoconsciente, senhor de minhas ações? e as ações das quais fui objeto? o que fiz porque quis e o que fui levado a fazer por força das circunstâncias que naquele momento me arrastam sem que eu percebesse, e que retroativamente depois assumi dizendo que quem agiu fui eu?

Veja que todas as regras para compreensão de uma vida humana são sempre uma questão de simples bom senso. Se tentássemos usar o bom senso, ao invés de usar a psicanálise, o marxismo, ou o estruturalismo talvez chegássemos a uma antropologia filosófica suficiente, na qual todos esses fatores, ou todos esses ângulos teriam o seu devido lugar.

Como nós mesmos somos humanos, que dizer, somos essencialmente idênticos aos demais indivíduos, isso significa que o único ponto-de-vista que é privilegiado para eu compreender o outro é o ponto de vista abrangente, e que o ponto-de-vista psicanalítico, sociológico, e psicológico são pontos-de-vista secundários.

Como diz o Dr. Freud, eu tenho algum subconsciente, mas do mesmo jeito que eu tenho, eu tenho uma conta bancária, tenho dúvidas, do mesmo modo tenho laços de parentesco e uma língua pátria. Devo me explicar por algum desses motivos? Qual desses pontos-de-vista é fundamental? Qual é o determinante e quais são os determinados?

O adepto da psicanálise dirá: o inconsciente é a realidade fundamental e as outras secundárias. Mas a isso se poderá objetar, por exemplo, que o fato de minha família e meus antepassados serem ricos ou pobres nada tem a ver com o meu inconsciente, de forma que este pode ser causa daquela riqueza ou pobreza.

Se existe uma hereditariedade, como diz Ortega y Gasset, que "tenho no instante em que nasço", então a história do meu inconsciente pessoal, que Dr. Freud estudou, nada tem a ver com isso. A minha hereditariedade não pode ser explicada pela história do meu subconsciente. Do mesmo modo, a história do meu inconsciente pessoal também não pode ser explicada pela hereditariedade. As várias ciências, várias escolas, correntes, modalidades de abordagem, se perguntássemos qual delas é determinante, qual serve de eixo para a construção de uma biografia, para compreensão do ser humano, a resposta é: nenhuma delas. Porque por meio de cada uma delas eu encaro o outro ser humano seletivamente, abstrativamente e não concretamente.

Existe, porém, um ponto-de-vista que realmente é preliminar a todos estes: eu sei que sou um ser humano e o outro também o é. Já está dado de antemão. Essa nossa identidade essencial não é nem psicanalítica, nem sociológica, nem econômica, nem nada, é uma coisa prévia. Foi a partir desta constatação que Ortega y Gasset percebeu a necessidade de estruturar, de dar uma forma intelectual coerente ao que se chama vida humana, ou que quer dizer, vida pessoal humana, vida biográfica. A primeira forma do ser humano compreender o ser humano chama-se biografia.

O ponto-de-vista biográfico, ou seja, saber que o indivíduo tem uma vida que se desenrola no tempo e que é constituída de atos e acontecimentos, este é o ponto-de-vista fundamental, é ponto-de-vista anterior a qualquer outra compreensão.

O ser humano é aquele que tem uma vida biográfica e que pode e é capaz de contá-la. Em primeiríssimo lugar, a vida humana é a história da consciência desta vida humana mesma.

Se eu souber tudo a respeito de um indivíduo e não souber o que ele acha de tudo isso, nada sei a respeito dele. Se conheço a opinião, os valores do indivíduo, sem saber os acontecimentos de sua vida, sei algo a seu respeito. E esta é uma outra regra: o ponto-de-vista dele mesmo é soberano, porque ele é humano, porque pode ter um ponto-de-vista, uma opinião a respeito. Não podemos contar a história de um ser humano como contamos a de um gato ou a de uma pedra, que não têm um ponto-de-vista pessoal a respeito. Então, o ponto-de-vista do personagem é privilegiadíssimo, porque, diz Ortega y Gasset, "nossa vida é o que fazemos e o que nos acontece."

Temos que entender que aquele indivíduo é um agente que se pretende livre e autoconsciente, como nós e, portanto, o ponto-de-vista de sua consciência é privilegiadíssimo. Se eu acredito saber as motivações subconscientes do indivíduo, mas não conheço suas intenções declaradas, como é que eu posso avaliar se essas pretensas causas subconscientes têm importância ou não? Por exemplo, na biografia de Dostoiévski, aos cinco anos seu pai morreu, o que resultou mais tarde em um livro Os Irmãos Karamázov. Qual é a diferença entre Dostoiévski e todas as outras pessoas que perderam o pai aos cinco anos? Em termos de fato, não tem diferença alguma. A diferença está na consciência dele, no que, para ele, isso significou. O ponto-de-vista da consciência do indivíduo é fundamental e os demais ponto-de-vista serão subordinados a este.

O estudo da biografia é então o estudo do ponto-de-vista do personagem. Sobretudo, neste estudo, estaremos tentando compreender o personagem tal como se conscientizava a si mesmo. Se eu não sei isto, o resto não significa nada.

Se um psicólogo tivesse isso em vista quando atendesse a um cliente, cometeria muito menos erros. Porque mesmo que haja, por exemplo, um trauma de infância, se tal trauma não alterou a consciência que o indivíduo tem das coisas, então que importância tem tal trauma? Se um indivíduo está neurótico é justamente porque sua consciência está doente. Se a consciência está sã, o que pode importar o que está no seu subconsciente? Em nada, pois não tem força causante. A consciência é determinante, sobretudo a autoconsciência. Se tentarmos explicar o indivíduo pelo subconsciente ou por qualquer outra coisa que não seja ele, que está fora, atrás, do lado, antes, então estamos perdendo o foco.

Quando o indivíduo está procedendo de uma maneira tal que pela sua intenção racional eu não consigo explicar o que ele está fazendo, então suponho uma outra causa não consciente. Se pergunto ao indivíduo por que está fazendo isso, e ele me dá uma explicação completamente satisfatória, para que eu vou sondar o inconsciente, se ele está consciente da causa? Mesmo que não seja a causa mais importante, ele já possui uma causa. Só quando os atos são totalmente incoerentes com o discurso é que você deve procurar uma outra causa fora do âmbito da consciência do sujeito.

Como segunda regra, é válido o exercício de contar a própria vida, e discernir quando se é agente criador, o agente determinante dos próprios atos, e quando se é receptor, agente passivo de uma causa externa a

qual depois, retroativamente, atribuímos uma intencionalidade própria, nossa, que na época não havia. Também existe o procedimento contrário: faço algo por minha livre e espontânea vontade e depois digo que fui levado pelas circunstâncias. Geralmente é assim: os atos que deram certo, dizemos que fomos nós e os que deram errado, dizemos que fomos levados pelas circunstâncias. Não é uma atitude científica. Para estudarmos uma biografia, temos que entender estes tópicos.

Pode acontecer de o sujeito ser agente do ato porque de certa forma foi levado aquilo. Neste caso, o sujeito assumiu a situação a que foi levado, empurrado.

Para compreender qualquer ser humano, é preciso saber quando o homem é ou não sujeito dos seus atos. Ele é também objeto de ações alheias; ele pode se adaptar voluntariamente às circunstâncias. Por exemplo, tenho uma dívida e vejo que o dinheiro não dá. Adapto-me a esta situação e não pago o que devo. Porém, sou agente da minha ação de não pagar.

A experiência me diz que na maior parte das pessoas, sobretudo na faixa social em que nós nos encontramos (classe média, alta, paulista e carioca), este é um ponto em que as pessoas não têm nenhuma idéia, ninguém sabe o que fez ou o que foi feito, porque contam a história cada hora de um jeito (o que já vi incontáveis vezes). O sujeito age depois diz que não fez e ele é sincero nos dois momentos, o que é pior. A dificuldade de se discernir um ato voluntário de um involuntário nesta faixa social é muito grande. Também saber se isto foi sempre assim ou se é uma contingência histórica. é algo que ainda vamos averiguar.

Reconstituir as causas de um ato é reconstruir, não conjecturadamente, não explicativamente, e sim historicamente, atendo-se aos dados existentes, sem se arriscar a procurar um por quê. Não estamos aqui para explicar, mas sim para contar o que aconteceu e depois tentar montar a hierarquia, segundo o que estava acontecendo no momento, não segundo as explicações genéricas, do tipo "foi o destino" "estava escrito", "no fundo você queria isto"... tudo isso são conjecturas. Eu quero saber, na hora em que o ato estava desenrolando, o que estava efetivamente em ação. Quando saímos do genérico e entramos no particular, no caso concreto de um ato, aí começamos a compreender.

Se decidimos contar alguma coisa, podemos chegar à perfeição da narrativa, ou quase perfeição. Os fatos sedimentam a compreensão, quer dizer, a mutabilidade não é tanta quanto nós gostamos de imaginar.

O futuro altera o passado, mas nem tanto, há coisas que vieram para ficar. Por exemplo, se um acontecimento deixou-me numa cicatriz, posso modificar o significado que lhe atribuo, mas não a sua presença. Não estou preocupado com o significado, mas em narrar a história.

Existe uma coisa fundamental que se chama memória - eu me lembro! Eu posso explicar de uma maneira diferente, posso narrar de uma maneira totalmente subjetiva, mas real, porque eu me lembro. Para chegar ao conhecimento verdadeiro é preciso, naturalmente, medir as dificuldades. Mas se você praticar isto durante um tempo, você saberá realmente porque fez isso ou aquilo, e não tem nada no seu futuro que possa modificar isto, quer dizer, a dialetização, a mudança, a interpretação do passado pelo seu transcurso do futuro, não é absoluta. Se o é em termos teóricos, não o é na prática. A avaliação pode mudar, mas não a narrativa.

Na primeira aula deste curso citei uma frase de Hegel "A consciência de si é a terra natal da verdade" : não adianta querer objetividade por exclusão da sua própria subjetividade. Isto é a mesma coisa que você arrancar os olhos para enxergar melhor , apagar a luz para enxergar melhor o escuro. Isto é um erro metodológico gravíssimo, que faz as pessoas acreditarem que nas ciências naturais é possível mais objetividade que nas ciências humanas. Isto é uma aberração! Isto é totalmente subjetivo. Se eu não tenho objetividade para narrar os meus estados interiores, muito menos vou ter fidelidade para estudar física. Se eu sou mal testemunho do meu próprio estado, nunca poderei chegar à conclusão real a respeito de nada.

...

A prática de tentarem descrever um momento qualquer de sua própria vida é útil ao estudo que visa a saber por que alguém fez alguma coisa. Se nunca tentou isso em relação a algo em particular, então tentar explicar coisas maiores, fenômenos mais genéricos é no mínimo uma temeridade. Deve-se começar tentando enfrentar problemas pequenos, depois ir crescendo. Há quem seja capaz de explicar por que há crise no Golfo mas quando tenta entender por o bebê está chorando, desespera-se: não sabe se é porque ele sujou a fralda, se é porque está com sede, com fome. O circuito de motivações de um bebê é bastante restrito, mas assim mesmo pai e mãe sabem como é difícil decifrá-los. Crianças que estão aprendendo a

falar e que, repentinamente, começam a chorar sem que se saiba por quê: decifrar isto é um bom exercício. Corrigir a criança antes de saber exatamente o que ela está querendo é um subterfúgio para não ter justamente o trabalho de entendê-la. Se com crianças é tão difícil, é possível imaginar como é com seres humanos adultos.

A primeira vez que você colocar seriamente este problema isto vai ter um efeito paralizante sobre a sua mente. Você vai perceber que não está entendendo nada há muito tempo. Mas, de fato, toda nova ciência que se começa a estudar tem que ter esse efeito paralisante, este efeito de espanto. Se não tiver, quer dizer que você não captou a dimensão do problema. Goethe dizia que o amador é um sujeito que está sempre pronto a atacar problemas para os quais não tem o mais mínimo recurso. É alguém que não mede corretamente as dificuldades. A plena consciência das dificuldades de um empreendimento ou de uma questão é o requisito número um para que você possa ter um saber efetivo. A consciência das dificuldades pode exercer um efeito desanimador, mas se nós estamos procurando sempre escorregar para fora da consciência das dificuldades, realmente não queremos saber absolutamente nada. Queremos justamente uma concepção confortável que nos dê impressão de que sabemos tudo e de que tudo está resolvido, e de que se está cheio de razão. Porém coisas desse tipo se pedem a bispos. Estudar é desconfortável.

Quanto à compreensão biográfica, naturalmente que sempre somos as duas coisas, sujeito e objeto. É como um bolo: entra ovo e farinha. No fim, combinados, viram bolo. Porém, uma quantidade maior de ovo ou de farinha vai fazer a diferença. O fato de duas coisas estarem misturadas não quer dizer que devamos compreendê-las só de uma maneira sintética. Temos que saber a dosagem de cada uma, a participação maior ou menor de uma ou outra. Às vezes é extremamente difícil fazer isso. O dístico "conhece-te a ti mesmo" é algo de que todos ouviram falar. Mas o interesse maior é, conforme amiúde se vê, conhecer o eu transcendental, o profundo, aos aspectos superiores da consciência, etc. Porém, sejamos modestos e tentemos conhecer o eu que temos aqui e agora. Este eu já tem tantas profundidades que no primeiro exame fica-se uma impressão de abismo. Muitas vezes, tentamos escapar para um objeto mais nobre ou mais elevado justamente porque aquele objeto inferior que está na nossa frente é de fato superior a nós. Só que ao invés de reconhecermos a dificuldade e humildemente continuarmos nos esforçando para obter conhecimento, escapamos, por algo que nos pareça mais elevado, o que acabou tornado-se regra geral hoje em dia. O mundo está cheio de metafísicos, mas se dermos a cada um desses metafísicos um livro de geografia, ele não consegue entender o livro; assim como está cheio de alquimistas que não conseguem entender química. Está-se criando uma pseudocultura para o uso das multidões e que é constituída de detritos, de resíduos das ciências espirituais. O que ofereço a vocês não é nada disso.

O trabalho de uma vez na vida pelo menos (na verdade, teria que ser todo dia), tentar ver numa ação qual era o jogo de forças que estava em ação, em que medida sua vontade foi livre, foi criadora, em que medida houve influência de outras causas, em que medida foi-se levado a agir desse ou daquele modo, deveria se visto como uma obrigação. Se não se fizer isso, como saber quem é responsável pelo quê?

Por este exercício, podemos chegar a discriminar o fato dominante, se é a emoção, a reatividade etc.

Quando entrarmos na astrocaracterologia propriamente dita, vamos ter uma visão muito clara, muito límpida de quais são as faculdades que estão em ação. Mas isto já é uma coisa mais difícil ainda de observar, porque as faculdades estão todas em mim, são aspectos meus. Se, porém, não sei discernir se fui eu ou o vizinho quem fez algo, como vou conseguir discernir qual parte minha prevaleceu? Não consigo discernir qual parte minha prevaleceu? Não consigo imaginar como existir um curso qualquer de psicologia sem essa base prévia. O que se estuda numa faculdade de psicologia -- Freud, Jung, Reich, Adler -- no Brasil é um mundo de problemas gnoseológicos. Essas escolas, todas elas, só levantaram dificuldades, sem ter conseguido resolver um problema qualquer até agora. Talvez os seus fundadores estivessem conscientes dessas dificuldades. Como, porém, dessas teorias provêm imediatamente certas técnicas e essas técnicas por sua vez se transformam em profissões, então elas continuam a ser excedidas ao sabor da necessidade prática não do paciente, mas do profissional, que por sua vez tem que trabalhar em alguma coisa para ganhar dinheiro. Deixa tal técnica de ser objetivo de exame e a única desculpa que resta ao profissional para aplicar uma técnica e não outra é que ele só sabe aquela. É como ir numa farmácia e perguntar se têm penicilina e respondem que não, só possuem Sonrisal, de forma que você terá que escolher entre uma coisa e outra. Do mesmo modo, se na faculdade só ensinaram Freud e Skinner, um dos dois terá que ser usado, pouco importando o que o paciente tem, o que afinal será um problema dele. Quanto ao terapeuta, só fará aquilo que sabe fazer, o doente que se adapte a ele. E não estou fazendo caricatura alguma -- a realidade é cômica e trágica.

É claro que se você só tem aquela técnica, então você está dentro dela como o peixe no mar e não pode ter consciência das dificuldades dela; caso contrário ficaria aterrorizado. Mas já observei que certas reações de terror ou pânico de que o estudante é acometido na primeira vez que a gente faz a primeira crítica ao único autor que ele estudou são o resultado disto. O sujeito entrou na faculdade aos dezoito anos de idade, mal saiu do secundário, não lê uma língua estrangeira, não tem cultura, não tem conhecimento de filosofia, de metodologia, de gnoseologia nem nada. Ele é uma vítima inerte que compraria o que lhe vendessem. Se ao chegar na faculdade alguém lhe propusesse o espiritismo, compraria o espiritismo; como ofereceram Freud, comprou Freud. Não só seu mundo cultural mas também sua própria personalidade acaba sendo moldada por aquele ensino. Tratam Freud, Jung, como ícones, como coisas sacrossantas, impedindo que os tratemos como homens de ciência, que é o pretendiam ser.

Se digo, por exemplo, que Freud colocou um problema e inventou um método para tal problema e do estudo desse problema particular ele deduziu uma técnica possível, e mais, foi somente isso que ele fez, e alguém acha que a psicologia humana pode ser reduzida a uma única pergunta, só posso concluir que essa pessoa é desinteressada no conhecimento do que quer que seja. É preciso ser muito burro para não perceber que não existe uma psicologia geral em Freud e sim uma psicologia especial, especializada num determinado ponto. Todo o seu trabalho foi desenvolvido a partir do estudo da histeria e aí ficou, sendo aliás a única coisa que a psicanálise cura -- a histeria. Ela nada tem a fazer face a um esquizofrênico.

Como se pode desenvolver toda uma concepção do mundo, da vida, da história, a partir de um trabalho especializado sobre a cura da histeria? Por que não sobre a construção de pontos ou a biologia dos gafanhotos?

Nem Freud nem Jung abordaram sistematicamente os assuntos que mencionaram. Por exemplo, não existe uma psicologia freudiana da religião. Ele nunca tratou desse assunto em particular, fazendo apenas uso de alguns exemplos tirados à religião para ilustrar certas coisas que ele estava colocando a partir do estudo da histeria. Ele colocou um problema inicial -- a histeria -- e de fato nunca saiu disso.

Alguns tentam colocar Freud como autor de uma concepção antropológica, de uma concepção sobre cultura humana, pelo fato de no fim da vida, ele ter escrito, Totem e Tatu e outros livros que davam algumas idéias, algumas sugestões sobre o papel que a regressão dos instintos poderia ter na cultura. Mas apenas isto não é uma concepção da cultura. Por exemplo, se eu escrevo um livro sobre a influência da moda na cultura, isto não é de maneira alguma uma concepção, uma filosofia da cultura. Do mesmo modo, não há em Freud uma concepção da cultura; ele não distingue entre o que é geral e o que é especial. Talvez se possa desenvolver uma filosofia da cultura que leve em conta essas coisas, porém hoje em dia as contribuições dessas escolas são hipertrofiadas. Freud primeiro é transformado de psiquiatra em psicólogo, coisa que ele não é; depois, de psicólogo clínico é transformado em psicólogo geral e depois disso é transformado em antropólogo ; de antropólogo é transformado em filósofo; de filósofo em teólogo e de teólogo é transformado em guru. Ele ficaria espantado vendo essas transformações.

Pode-se comparar uma psicologia geral apenas com outra psicologia geral. Um grande psicólogo do século XX é Maurice Pradines, que desenvolve uma concepção geral de psicologia. Outro grande, que leciona no Brasil, George Dumas. Dentro da psicologia geral, a parte estudada por Freud e Jung têm lugar.

Naturalmente que qualquer pessoa, que em qualquer situação de vida, seja como estudioso de história, seja na sua vida diária, seja no trato com pacientes, pretenda com compreender algo que outro fez, estará usando uma visão antropológica, pelo menos implícita. Se não explicitarmos essa visão, não poderemos criticá-la, saber se ela é ou não adequada aos nossos fins. Se queremos entender a biografia de alguém, seja do personagem que estudamos, personagem histórico, seja de um paciente qualquer, temos que começar por perguntar o que é esta biografia, o que é a vida do indivíduo, a vida de um homem. Em outros termos, o que é conhecer um homem. Então vamos partir do geral para o particular.

A mais velha definição é aquela que diz que o homem é um animal racional. Porém este racional, é fácil ver, tem duplo sentido. Racional não é apenas aquele que procura ter um pensamento coerente, porque um pensamento coerente um computador também tem, mas também aquele que procura agir coerentemente. Esta razão, tal como está nesta definição, tem um duplo aspecto: um cognoscitivo e um ativo. Então vamos redefinir, como se faz hoje em dia: prefere-se definir o homem como aquele que é capaz de agir, ou seja, de transformar seu meio ambiente segundo finalidades e meios racionais. A razão fica dividida em um aspecto cognoscitivo, quer dizer, a faculdade capaz de ter um conhecimento coerente e, por outro

lado, a faculdade de agir coerentemente de acordo com o conhecimento havido, e portanto, de alcançar resultados que ele mesmo havia previsto e desejado.

O homem é capaz de planejar e agir racionalmente. Esta é a definição geral do homem. Se é definição geral, significa que não há nenhum que possa escapar disto. Qualquer indivíduo que não seja capaz de se propor uma finalidade qualquer e encadear conceptualmente os atos necessários à consecução de tal fim, e em seguida agir para atingir este fim, evidentemente está abaixo de homem.

Absolutamente, tudo que o homem faz é neste sentido: ele deseja algo e para atender a seu desejo, procura agir de maneira que haja uma conexão lógica entre os atos e os resultados, de modo que o resultado seja o esperado.

Quando se diz que o homem é um animal racional, pode-se ser induzido a pensar ser o homem apenas o animal que pensa racionalmente. Porém, ao definir o homem assim, Aristóteles quis referir-se ao animal que pensa e age em consequência do que pensou, ou seja, é o animal em cujas ações percebemos o fio de uma racionalidade intencional e isto é fundamental, porque uma racionalidade existe atrás das ações de qualquer ente. Por exemplo, uma pedra que você joga para cima e cai não está agindo de maneira racional? Claro, está agindo de acordo com uma lei que é a lei da gravidade. Portanto, seu comportamento tem uma explicação racional. Porém, esta explicação racional, quando aplicada aos animais, às plantas, aos planetas, etc, visa apenas à racionalidade que existe nos atos, ou seja, que existe naquele ser, mas que não existe para ele -- não é uma racionalidade intencional. Não foi ele que criou um esquema racional para agir assim ou assado. Quando a pedra cai; ela está obedecendo a um esquema racional, mas que não está dentro dela intencionalmente, é um esquema de uma racionalidade física, que está à sua volta. Ela, a pedra, só sofre ação, está presa ao encadeamento das causas e efeitos e este encadeamento, por sua vez, é racional, tanto que podemos compreendê-lo.

O homem, porém, tem uma racionalidade intencional. Isto quer dizer que ele procura conceber ativamente, criativamente, seqüências racionais de procedimentos que o levarão a determinados resultados. O que caracteriza o homem é justamente esta capacidade o que não quer dizer que ele a exerça sempre, porque se poderia dizer, por exemplo, que o homem durante um terço da sua vida está dormindo, e quando está dormindo não está concebendo nenhum esquema de ação, não está fazendo nada. Há também outras pessoas que raramente pensam. Mas o que define o homem é esta capacidade, embora o seu exercício possa variar enormemente. Se dizemos que um animal é mamífero, isso quer dizer que ele tem a capacidade de sobreviver com o leite da mãe. Porém, se a mãe morre e ninguém lhe dá leite, mesmo assim ele não perde sua condição de mamífero. Ele deixaria de ser mamífero apenas se perdesse a capacidade de sobreviver a partir do leite da mãe, se ele precisasse ser alimentado fundamentalmente de outra coisa, se o leite da mãe não o servisse.

Transformar o mundo, muita gente transforma. Um bando de gafanhotos depois que passa por uma plantação, vê-se, transformou-a. Porém, se perguntamos por que o gafanhoto fez isto, não é porque houve um gafanhoto engenheiro que fez um esquema, um planejamento econômico da desgraça que iam fazer. O gafanhoto fez isso porque não pode parar de fazê-lo; fê-lo devido a seu código genético e não devido a sua intencionalidade. A intencionalidade caracteriza a liberdade, o poder fazer ou poder não fazer. O bezerrinho que mama não tem liberdade alguma, não está agindo por uma intenção racional, tanto que ele não poderia optar entre mamar ou ser vegetariano. Ele não tem esta opção, assim como também não a têm os leões, tigres. O que os animais fazem tem uma forçosidade intrínseca, portanto não precisa haver intencionalidade para fazerem o que fazem.

O homem, só o homem, decide, por exemplo, fazer uma casa. Ele não está obrigado a fazê-la, pode parar no meio. Nada o obriga a continuar agindo de acordo com uma seqüência racional de procedimentos. Se eu quero fazer uma casa, ela tem que ter um fundamento, um alicerce, pregos, e em cima coloco paredes na vertical. E se eu quiser colocar as paredes todas na horizontal o que impede? Não tenho essa liberdade? Não sou forçado a fazer qualquer casa de maneira que ela fique de pé.

O homem concebe um plano e concebe a seqüência de atos que levarão à consecução do resultado desejado e segue este plano voluntariamente, livremente. Este é o animal racional.

Mas além de ser animal racional, o homem também é muitas outras coisas, acidentalmente. Por exemplo, o homem pode ser rico ou pobre, sem deixar de ser animal racional. Pode ser branco ou preto, doente ou sadio, bom ou mau. Tudo isto não afeta em nada a sua condição de animal racional.

Quando contamos a biografia de um homem, devemos levar em conta a questão: o que ele é essencialmente e o que ele é por acidente? Se vou estudar a filosofia do bacalhau, sei que o que vou estudar é peixe. Mas suponhamos que o peixeiro de quem comprei o bacalhau para estudar tenha brigado com alguém e agrediu seu adversário com golpes de bacalhau. O bacalhau foi acidentalmente transformado em arma. Digamos que meu vizinho comeu bacalhau demais e passou mal. Neste caso, o bacalhau não é mais encarado como peixe e sim como causa da doença do meu vizinho. Nem todo bacalhau, porém, é usado como arma e nem todo bacalhau causa doença, mas todo bacalhau é peixe. Se vou estudar a filosofia dos bacalhaus ou seu comportamento, devo começar por encará-lo como peixe. Se isto é tão óbvio quanto aos bacalhaus, por que também não seria com relação aos seres humanos? As psicologias que estão na moda estudam o homem sob todos os aspectos, por exemplo, como ser social. Mas as formigas e até as plantas, que necessitam de outras para poderem viver, são seres sociais. Ou estudam o homem como portador de desejos -- qualquer bacalhau tem desejos. É lógico que o homem pode ser estudado sob qualquer desses aspectos secundários e acidentais, porém isto somente terá sentido se todas estas visões especiais estiverem ordenadas contra o pano de fundo de uma visão geral que tome como centro aquilo que o homem essencialmente é, ou seja um transformador racional da realidade. Com isto, a psicologia ainda teria o mérito de considerar o homem num ponto onde a sua perspectiva se articula com as perspectivas dessas outras ciências, ao passo que se começa a estudar o homem de um ponto-de-vista muito especial, que só interessa à psicologia, mais ainda, a uma parte da psicologia, então o meu ponto de partida já não tem nenhuma conexão orgânica com as outras ciências, e terá de ser articulada a posterior, mediante alguma espécie de operação pirotécnica, por exemplo, como no caso da fusão da psicanálise com o marxismo.

Marx parte da definição do homem: o homem é transformador racional da realidade. O ponto de partida de Freud é outro. Parte do princípio de que o homem, antes de ser grande, foi criança, o que também se aplica aos bacalhaus, às minhocas, etc. Aborda o homem por um aspecto que não é essencialmente humano, por um aspecto que ele tem em comum com os outros seres.

Como vamos articular então a psicanálise com o marxismo? Claro que, se os dois tiverem razão, em algum ponto vão coincidir. Se o que os dois estão falando faz algum sentido, alguma relação tem que haver, como deverá existir alguma relação entre a ciência da balística e a economia de mercado. Tudo que é real, alguma relação tem entre si. Porém, concepções como a psicanálise e o marxismo são muito difíceis de se articularem, a não ser artificialmente, porque seus pontos-de-partida são muito desconexos.

É fácil perceber as relações do marxismo com a filosofia de Aristóteles. Para se saber quais são os pontos onde Aristóteles e Marx estão de pleno acordo e onde divergem, dá para se saber facilmente porque os dois partem do mesmo enfoque, hierárquico, que aborda as coisas pelo aspecto essencial e depois vai descendo para o acidental.

Alguém que começasse a estudar o mesmo tema por algum aspecto lateral, por exemplo, "o homem respira", como iniciou Reich e Gaiarsa continuou. Mas respirar, todo mundo respira, aliás todos os mamíferos, todos os animais respiram. Neste caso estou partindo de algo que, embora presente no homem, é comum aos outros animais. Isto quer dizer que está me escapando o foco, e esta visão da psicologia da respiração, se não for inserida dentro de uma psicologia geral, que pegue o homem pela sua essência, vai ficar um fragmento boiando num caos. É o que acontece com a psicanálise de Reich, de Adler, assim como a do próprio Freud. São pedaços que nunca saberemos o quanto valem, a não ser que consigamos inseri-los dentro deste referencial.

Isto não quer dizer que só seja possível comparar obras que partam do mesmo ponto. Elas podem ser comparadas mesmo que partam de pontos bastante heterogêneos. Porém você tem que descobrir onde está o elo. No caso, o elo entre a psicanálise e o marxismo é evidentemente remotíssimo. É o caso de alguém que leu Marx e achou que ele tinha razão; leu Freud e achou que este tinha razão. Se ele lesse um livro sobre a filosofia dos bacalhaus e achasse que também tinha razão, e como tendo razão não podem se discordantes, tentaria corrigi-los. Mas isto é quase impossível, não teoricamente, mas na prática. Claro que não há impossibilidades teórica. Todas as descobertas que sejam verdadeiras devem coerir-se por uma teoria comum que as sustentem. Isto é um pressuposto de toda ciência -- todos os conhecimentos particulares, que sejam comprovados, devem ser inseríveis dentro de uma teoria geral. Porém, na prática se a questão de que partimos é muito heterogênea em relação a outra com a qual queremos coeri-la, eu teria que desenvolver uma delas num sentido e a outra no outro sentido até que viessem a se encontrar num determinado ponto. É portanto, pura perda de tempo fundir psicanálise e marxismo. Só porque duas

coisas são verdadeiras, embora uma não tenha nada a ver com a outra, não há nenhuma razão para obrigatoriamente acharmos a teoria geral por trás delas.

Compreendemos então que se vamos estudar um caso, a vida de um ser humano, seja porque estamos fazendo sua biografia, seja porque é nosso parente e queremos compreendê-lo, seja porque é nosso paciente, devemos encará-lo em primeiríssimo lugar exatamente como homem que é capaz de conceber um plano, um fim e conceber também a seqüência de atos para chegar a este fim. E aí está a chave de todas as biografias. Toda vida humana deve ser encarada primordialmente como um caso particular de uma regra geral. Assim como, se vou estudar a filosofia de um mamífero em particular, vou partir do fato de ele ser mamífero e não do fato de ele ter, eventualmente, pelos pretos ou marrons, ser gordo ou magro ou alguma outra coisa accidental. Se o que temos diante de nós para estudar é um homem, então o esquema geral dentro do qual temos que colocá-lo é a própria definição de homem, e não um aspecto accidental qualquer, embora ele admita também ser estudado sob aspectos accidentais. Mas isso nunca primordialmente.

Todo e qualquer homem deve ser encarado em qualquer situação da vida como dono da faculdade da razão e portanto da vontade racional. Significa que ele tem objetivos, não vive só no passado, ele busca alguma coisa, vivei para o futuro. Este futuro ele o concebe e se concebe como capaz de alcançar esse futuro, por mais modesto que seja. Todo e qualquer homem visa a isto.

Agora suponhamos que você pegue um sujeito que está numa depressão tremenda e não faz mais planos para nada. Quando lhe dá vontade de ir ao banheiro, ele erra e entra na cozinha. Ela pára de fazer planos a curtíssimo prazo, até, como ir a cozinha beber água. Sabemos que isto é gravíssimo porque ele não está podendo usar a razão. Está-lhe faltando algo que não é accidental, mas essencial. E se faltasse outra coisa? Por exemplo, o interesse por sexo. Isto não é tão grave quanto não conseguir ir ao banheiro sozinho, porque sexo outros bichos também têm. Se ele não fosse mais capaz de andar, também não é algo essencial nele que foi atingido. Naturalmente que andar, sexo, são coisas necessárias, sem dúvida, mas nada disso é essencial. O que impedir o indivíduo de exercer seu aspecto animal é o que vai lhe causar a morte biológica. Aquilo que o impedir de exercer plenamente os benefícios da razão está liquidado com sua parte humana. Se somos psicólogos ou terapeutas, etc, não estamos fundamentalmente interessados na parte animal do homem, porque senão teríamos de mandá-lo a um médico, a um fisiologista, a um patologista. Isso quer dizer que as falhas da parte animal, em princípio, não nos dizem respeito.

O primeiro padrão para conhecer, compreender, avaliar e poder desenhar uma vida é o delineio do padrão de sua racionalidade, ou seja, ver o sucesso ou fracasso, o domínio maior ou menor que o indivíduo tenha da seqüência de atos necessários para alcançar determinado fim. E é por aí que o homem tem que ser olhado em primeiríssimo lugar, porque isso é o que ele é.

Quando olhamos assim, chegamos a deduzir disto estas mesmas regras que já expusemos. Em primeiro lugar, eu mesmo que estou examinando aquele indivíduo, também sou homem, também sou ser humano, também me suponho capaz de conceber um plano para chegar a um objetivo. No meu caso o plano é compreendê-lo, seja para tratar dele, ler seu horóscopo ou qualquer outro fim. Também me suponho capaz de estar na sua posição. No entanto, vejo que o indivíduo acaba de chegar e eu mal o conheço. Tudo que sei dele é uma generalidade, que ele é um animal racional. Tenho então que comparar esta regra geral com o caso particular que tenho à minha frente.

Aí compreendemos que nem tudo o que o indivíduo faz emana da sua razão ou da sua vontade, mesmo porque o indivíduo não nasce com plena posse de sua razão e da sua vontade. Entendemos que esta vontade, esta aptidão para razão, embora esteja nele desde o instante em que nasceu, terá de ser desenvolvida até um certo ponto para que o indivíduo, a partir daí tenha uma certa autonomia. Entendemos também que neste processo podem acontecer muitos acidentes, assim como, por exemplo, as vacas têm por definição a aptidão de dar leite, mas pode acontecer algum acidente de percurso na sua criação, na sua história, que a impeça de exercer o seu ofício. Isto quer dizer que não podemos explicar toda uma biografia somente pelo intuito do indivíduo e pelo plano racional que ele concebeu. Esta também é uma das regras: o homem também é objeto, nem sempre é só sujeito., O homem enquanto sujeito sempre pode ser encarado como animal racional, mas enquanto objeto, não. Porque ele padece ações só enquanto animal. Se cai um tijolo em cima da cabeça de um homem, foi enquanto animal racional que pareceu isto? Ora, os danos causados pelo tijolo que caiu causariam danos também numa tigela, assim como num cachorro, um gato. Isso quer dizer que o homem sofre ações enquanto corpo, enquanto animal, mas o homem só age enquanto animal racional. onde o homem age, ele é animal

racional; onde o homem padece é simplesmente um ser. O aspecto racional, e portanto, auto-consciente de um homem, está ligado a suas ações; o aspecto não racional, o aspecto simplesmente existencial, que ele tem enquanto ente, é aquele que nós vemos nas ações que ele padece. A vida do indivíduo será dividida exatamente nesses dois aspectos. "A vida é que fazemos e o que nos acontece", diz Ortega y Gasset. O que fazemos, certamente é enquanto animal racional; o que acontece pode ser enquanto qualquer coisa. Assim como o bacalhau pode ser usado como arma, eu também posso sofrer ações alheias, não enquanto animal racional, mas enquanto simples corpo, enquanto simples animal.

Se alguém me dá uma injeção, a qual altera completamente o meu comportamento, não é enquanto animal racional que sofro esta ação, que não depende de minha racionalidade mas de minha filosofia. Em todo ser humano existem esses dois aspectos, todos nós somos sujeitos racionais, auto-conscientes de nossas ações e somos objetos irracionais de uma infinidade de ações. Isto quer dizer que em cada um de nós existe um aspecto pelo qual nós podemos nos responsabilizar e dizer: este sou eu. E outro que não é propriamente eu. Eu sou responsável pelo que se passa comigo, pelo que me acontece? Se cai um tijolo na minha cabeça, será que isto foi um plano racional que fiz e portanto sou autor disso? Eu que fiz a planta do prédio calculando o cronograma de sua construção de modo que tal dia, a tantas horas, quando eu passasse embaixo, caísse um tijolo na minha cabeça? Fui eu quem fiz isto? Certos defensores da teoria do Karma dizem que sim.

O homem pode também sofrer acontecimentos externos de duas maneiras, enquanto animal e enquanto homem. Porém, este aspecto passivo do sofrer a ação não está vinculado à sua racionalidade, não tem ligação orgânica com ela, enquanto que as ações que o homem pratica têm. Que dizer que todas as ações humanas, o que se pode dizer que um sujeito fez, ele o fez racionalmente. O que quer dizer que estava certo. Fez por um procedimento racional, mas poderia ter partido de fatos ou premissas errôneas, pode ter se equivocado no silogismo, mas de qualquer maneira, certo ou não é racional. Uma conta errada é matemática do mesmo jeito.

...

Onde a ação foi sua, houve uma justificação racional, seja na hora mesma em que você agiu, seja um pouco antes. Viu motivos suficientes e endossou racionalmente aquela ação, não como desejo, o que é muito importante.

Há coisas que você deseja e faz, mas que não aprova racionalmente e nisto é um sujeito dúbio. Nós podemos dizer que o sujeito que fica doido e estupra uma garotinha de cinco anos é um autor livre e consciente de tal ato? É muito difícil afirmá-lo. Quer dizer que há uma infinidade de atos que são desejados mas que não podemos dizer tratar-se de atos pessoais. É algum aspecto do sujeito, que estava nele, mas que não é propriamente ele. Podemos dizer que foi seu subconsciente. O subconsciente é uma zona indefinida, uma zona intermediária entre dois aspectos, entre o eu e o não-eu em mim. Mesmo o meu subconsciente não é totalmente eu, porque não endosso tudo que nele está, principalmente porque não fui eu que coloquei tudo que lá está, em segundo lugar porque não sei o que está lá -- foi papai e mamãe que puseram, foi a sociedade, foi alguém, mas não fui eu.

A distinção do racional e do não racional no homem é a mesma distinção do pessoal e impessoal. Disso entendemos que o aspecto essencial de qualquer ser humano é aquilo que nele existe de intencional, ao menos em potência, de racional e pessoal. É aí que temos que começar a observá-lo, não pelo meio ambiente, não pela classe social a que pertence, não pelo subconsciente. Porque tudo isso só adquire algum significado em função desta parte racional, pessoal, intencional, voluntária. Este é o centro causal do ser humano. Mais tarde pretendo demonstrar que a idéia de que é o inconsciente que move o homem, tão disseminada hoje em dia, idéia em que todos acreditam, sem nem saber porque, é uma idéia que esquece que o inconsciente, como a própria palavra diz, é algo que se define negativamente, é um não, é uma coisa que não está no consciente. Isto significa que ele não pode existir sozinho. Se tudo fosse inconsciente nós nunca usaríamos a palavra inconsciente. Todas as categorias com que estudamos o inconsciente são tiradas do consciente. O contrário não é possível fazer.

Tudo aquilo que esteja em mim, que seja componente da minha fisiologia, da minha psique, da minha personalidade, mas que eu não endosso voluntariamente, racionalmente, certo ou errado, não é propriamente eu. É algo que eu tenho, algo que está grudado em mim, uma propriedade ou um acidente, mas não é eu. Isto se aplica a mim como a todos os seres humanos. E se quisermos de fato entender por que alguém fez alguma coisa, a primeira coisa a perguntar é como ele se explicou o que estava fazendo. Porque, se o indivíduo não pensou absolutamente nada, não teve intenção alguma, então podemos dizer

realmente que foi ele que fez? Não agiu como sonâmbulo? Isto fará parte da sua biografia na parte referente ao objeto. Se eu tenho em mim forças, tendências, hábitos, etc, que se opõem às minhas finalidades conscientes, isto entra na minha biografia, mas só adquire um significado em função do que eu desejo conscientemente. Se tenho um plano, casei, tenho um monte de filhos, desejo trabalhar para sustentar minha família a quem desejo o bem, quero ver todos bem alimentados, saudáveis, porém, tenho uma preguiça invencível. Suponhamos algo diferente: casei, fiz um monte de filhos sem nem perceber, nunca pensei que seria necessário trabalhar para sustentar a mulher e os filhos e não consigo entender que a mulher reclama. A tendência orgânica para a preguiça é a mesma nos dois casos, mas a biografia é diferente. No primeiro caso, é a biografia de um infeliz, de um desgraçado, de um homem que fracassou. No segundo caso, é a biografia de um ser sem vergonha, cínico. As duas não vão correr paralelas. A primeira é cheia de sofrimentos, de dilaceração moral, e a segunda pode ser até feliz, sob certo aspecto. Tudo aquilo que esteja em mim, independente de minha vontade, só adquire significado em função desse vontade, e que portanto a minha biografia tem que tomar como ponto inicial de referências o que eu desejo, o que eu, como sujeito livre, racional, consciente e capaz, desejo. Esta vontade livre do indivíduo coloca o primeiro ponto que vai delinear alguma forma dentro do caos da existência. É a partir dela que vai começar o desenho, ou seja, o que o indivíduo quer, o que ele pensou que deveria fazer, onde quis chegar a cada momento, porque pode ter tido muitas metas diferentes na sua vida. Porém cada uma de suas ações vai ser explicada por ele de alguma maneira. Claro que a explicação que ele vai dar pode ser falsa. O objetivo pode ser inatingível, utópico, absurdo, inconveniente, inadaptável para a pessoa dele, para o meio. Mas alguma racionalidade tem, e é por aí que tem que começar a explicação.

Olhar o indivíduo em primeiro lugar como sujeito, não como objetivo, é um preceito científico e, ao mesmo tempo, uma máxima moral; "Ama a teu próximo como a ti mesmo". Cada um de nós gosta de ser encarado como sujeito humano, não como objeto inconsciente. Sempre se espera do outro respeito. Respeitar deriva do latim *respicere*, é como olhar para trás, quer dizer, medir o outro por si mesmo -- olhe para si e olhe para o outro, trate-o igual. Se perante o personagem histórico, perante o paciente, perante pessoas de convivência diária, eu encaro a mim como sujeito racional, consciente, pensante e o outro como objeto passivo de condicionamento, como animalzinho que obedece a ações e reações perfeitamente inconscientes, como pedra ou como composto químico, eu simplesmente o estou desrespeitando, o que é algo moralmente ilícito. Em segundo lugar, é algo cientificamente falho: eu estou me atribuindo uma espécie de superioridade gnoseológica, colocando-me num estatuto gnoseológico que não tenho, estou partindo do princípio de que eu enxergo e ele não, ou seja, de que eu ajo como sujeito criador e ele só como objeto. E isto é falho, falso.

Ontem surgiu o problema do que é objetividade. Durante muito tempo, por influência sobretudo de certas correntes de filosofias científicas surgidas no fim do século passado e início deste, acreditou-se que a maneira de conseguir uma objetividade científica seria fazendo-se uma abstração do eu observador, quer dizer, recortando-se os fatos observados, mantendo-se somente aquelas partes que poderiam ser observadas identicamente iguais por qualquer outra pessoa. Acontece que com isto você faz uma operação tão drástica que sobra só uma espécie de esqueletozinho de realidade. Aquilo que todos podem enxergar igualzinho ao mesmo tempo é muito pouco, em primeiro lugar. Em segundo lugar, este preceito acredita que o indivíduo por si mesmo não é capaz de objetividade, que esta só é capaz a partir da intersubjetividade, isto é, da confirmação do grupo humano. Mas isto é um absurdo, porque se você junta vários indivíduos incapazes de objetividade, então a soma de várias incapacidades vai dar uma incapacidade maior ainda. Se a visão subjetiva não é capaz de veracidade, a inter-subjetiva também não o é. Mas, se você disser que é capaz de objetividade, eu posso levar em conta não somente o que eu vejo, mas aquilo que você diz que vê. O testemunho alheio terá que ser legitimado de novo pelo meu testemunho. Então, o juiz é sempre a consciência do indivíduo. Porque o testemunho da intersubjetividade terá que ser ratificado por cada um dos membros da comunidade de novo. O problema retorna, todo ele, ao ponto inicial.

Este conceito de que a objetividade requer primeiro a exclusão do subjetivo, a exclusão do eu observador e em segundo a confirmação intersubjetiva, a confirmação do meio-ambiente ou do grupo, isto hoje em dia já se entende como algo falacioso, que é a pseudo-ciência. Se tem que haver um conhecimento objetivo, veraz, com fundamento, não é por aí que devemos buscá-lo. Deve haver outro critério mais firme. Onde encontrar este critério mais firme? O testemunho do grupo que valor terá para mim? Certamente não valerá mais do que o meu próprio testemunho, mesmo porque a única testemunha de que o grupo diz aquilo que diz, sou eu mesmo. Então, o fundamento da veracidade terá que ser procurado no próprio sujeito cognoscente, no indivíduo.

E aí voltamos ao preceito dado na primeira aula: só existe uma maneira de ser veraz. Esta maneira se chama memória. Todo o conhecimento humano, científico, começa com a fidelidade da memória. Se a memória for falha, ou essencialmente falha, a memória do grupo vai ser mais falha ainda, vai ser a soma de falhas. O homem começa a subir do mundo dos sentidos para o mundo da razão a partir da hora em que ele conserva a memória dos conhecimentos anteriores e não pode mais negá-los, ou seja, na hora em que ele aprende a distinção entre o que é uma intuição interna e uma externa. Isto significa que aquilo que eu vi exteriormente não é mais fidedigno do que aquilo que eu vi interiormente. Eu ver esta parede não é uma coisa mais firme, mais segura, do que eu me lembrar de um sentimento que tive ou de algo que eu mesmo pensei. Quer dizer que o testemunho dos sentidos externos não é mais fidedigno do que o sentido interno, é a mesma coisa. Se eu minto com relação ao sentido interno, também vou mentir em relação ao externo. A memória é uma só, ela conserva ali tudo, e sou eu que vou discriminar. Eu é que sei se, ao imaginar um tigre, também toquei o tigre. Eu é que sei se era um tigre tridimensional ou um tigre bidimensional, porque fui eu que o vi, eu sou a única testemunha.

Toda a noção de objetividade do conhecimento repousa neste ponto: contar a própria história e dar o testemunho. Todo conhecimento começa com o conhecimento histórico. A história é a narrativa do que passou. Isso quer dizer que um único indivíduo que recorda os fatos é testemunha melhor que toda uma coletividade que não recorda. É preciso não apenas recordar, mas saber que recorda. É preciso saber também que o sujeito daquela percepção foi você mesmo. Na medida em que o indivíduo é capaz de se recordar do que fez, viu e sofreu, e distinguir essas três coisas, então ele se torna testemunha fidedigna. Isto foi descoberto no séc. XVIII por um grande filósofo chamado Jean Batista Vico, que dizia: "Nós não conhecemos nada melhor do que aquelas coisas que fazemos". Portanto, o mundo exterior quem fez não fui eu, foi Deus. Para Deus deve ser muito claro o mundo exterior, mas certamente para mim ele é muito menos claro do que aquilo que eu mesmo fiz.

O primeiro padrão do conhecimento objetivo é a minha própria história, a história das minhas ações e do que eu pensei ou intencionei na hora que fiz. Depois Hegel, certamente estudando Vico, afirmou que "A consciência de si é a terra natal da verdade". Em metodologia científica até hoje não se tiraram completamente as consequências desta descoberta de Hegel. Quer dizer que o método científico atualmente em uso ainda está baseado na idéia da intersubjetividade. O que tem levado ultimamente a certas consequências terríveis, que logo terminarão por extinguir esta metodologia. Uma das consequências é a seguinte: examinando o homem "objetivamente", ou seja, fazendo exclusão da minha subjetividade e aceitando apenas o testemunho intersubjetivo, posso chegar a certas conclusões que me indiquem que o homem não tem subjetividade alguma, que na verdade nem ele tem e nem eu. Porque ele tem um amálgama de eus que são dados pelo meio, e que vão se grudando, uns após os outros, e a unidade do sujeito cognoscente é um mito. Mas na hora que eu chego a esta conclusão, que hoje em dia é defendida por antropólogos seriamente, pergunto: qual dos muitos eus do antropólogo está defendendo esta teoria?

O príncipe desta corrente, que se chama Hans Gadamer, escreveu recentemente um trabalho no qual advoga a teoria de que o eu cognoscente não tem unidade, ele é apenas um resíduo de papéis sociais e, portanto, o indivíduo em si mesmo jamais pode ser juiz da objetividade do que quer que seja e sim culpar o contexto. E reclama que o ensino universitário na Alemanha só treina os indivíduos para o exercício profissional e não desenvolve a liberdade de juízo crítico. Se ele já demonstrou que a liberdade de juízo crítico não existe, para que desenvolvê-la? Se o eu não tem consistência alguma, se o sujeito cognoscente é apenas um aglomerado de papéis sociais, então a minha opinião é colada em mim pela sociedade sem que eu possa fazer nada. Portanto, não posso ter liberdade de juízo crítico de maneira alguma e não adianta cultivá-lo. Como é que um simples programa universitário teria o poder de revogar a condição do homem? Gadamer então propõe que as universidades cultivem o juízo crítico que ele demonstrou que não existe.

Essas consequências aberrantes são produzidas justamente pela crença de que a confirmação intersubjetiva predomina gnoseologicamente sobre o testemunho do indivíduo, o que é a mesma coisa que dizer que a soma de vários zeros produzirão o um, o dois e o três. Se o indivíduo enquanto tal não é, ao menos potencialmente capaz de conhecimento veraz, a comunidade também não há de ser. Se na narrativa o indivíduo distorce, seu vizinho vai distorcer mais ainda. Se o próprio indivíduo, testemunha primeira, pode mentir, quanto mais não o poderá um outro que não observou seu processo interior, não sabe o que ele pensou. Isto significa que para conhecer um homem, lamentavelmente, estamos à mercê do testemunho dele mesmo, sem que haja nada que possa compensar isso.

Perguntam se o processo descritivo da linguagem não é suficiente para transmitir, por exemplo, a emoção. Suficiente é, mas se a minha linguagem falha para descrever o meu sentimento, quanto mais não falhará na descrição do sentimento do vizinho. Eu, que tive a intuição, não sou capaz de descrevê-la, como outro será capaz de descrevê-la, outro que não a teve?

Isto significa que a possibilidade do conhecimento do homem pelo homem repousa na fidedignidade do testemunho. Se formos todos mentirosos, jamais vamos nos conhecer. É uma situação terrível. Todas as ciências humanas, os psicólogos, sempre tentaram escapar disto, inventar um jeito de escapar dessa situação desconfortável, querendo conhecer o homem como se se pudesse colocar de fora o acima dele e não depender do seu testemunho. Porém, isso sempre foi tentativa vã. Quanto mais se tenta isso, mais se começou a mentir, mais se começou a colocar-se numa posição gnoseológica que não corresponde com sua posição ontológica. Você se colocou num ponto-de-vista divino sem nenhuma justificativa. Se você pode me ver objetivamente, por que eu não posso ver você? Se você me ver pelas costas, por que eu não posso ver você também pelas costas? Se você pode sondar o meu inconsciente sem que eu perceba, por que eu não posso sondar o seu? Se você pode me olhar apenas como objeto que padece os efeitos das causas em torno, por que eu posso fazer a mesma coisa com o cientista que me estuda assim?

Este grande erro das ciências humanas teria sido evitado se a psicologia, ao invés de se desenvolver a partir de muitos pontos de partida desconexos (como a psicanálise, behaviorismo, etc, que se desenvolveram a partir da observação de fatos particulares), tivesse desde o início tentando manter uma certa unidade, o que não aconteceu. A psicologia se desenvolveu desde pontos diferentes e sobretudo independentemente das demais ciências humanas. Porque este problema que estou referindo já estava formulado e resolvido antes de Freud, por Weber, quando referiu-se aos dois tipos de explicação intencional e explicação causal.

P - Esta questão da transmissibilidade dos sentimentos, não se resolve com a arte?

Sim, a arte foi feita para isto, só que nem todos os indivíduos têm acesso à arte. A arte é fundamentalmente curativa, na medida onde a experiência interna pode ser objetivada, quer dizer, externalizada por ela e portanto, a partir daí, pensada e compreendida. Quer dizer que a compreensão imaginativa sempre precederá a compreensão racional. Depende da capacidade expressiva do sujeito expor os conteúdos da sua intuição. Benedetto Croce tratou da identidade da intuição e expressão, uma das grandes coisas da filosofia do século XX que os psicólogos nem têm idéia de que exista.

Se perante o indivíduo, em qualquer circunstância, seja a de estudar sua biografia, de tratá-lo como paciente ou de procurar conhecê-lo, nós tentamos olhá-lo pelas coisas, por que fazemos isso? Em primeiro lugar, por uma auto-defesa. Se eu procuro olhar o indivíduo apenas pela classe social a que pertence, ou apenas pelo seu subconsciente, isto me poupa de olhá-lo cara-a-cara e de ser, portanto, julgado por ele. Se me coloco numa posição inatingível, estou como o padre no confessionário, que estuda os pecados alheios mas não conta os próprios.

Se o que eu desejo é dominar o indivíduo, fazer com que ele me obedeça, fazer com que ele faça o que eu quero, então pouco me interessa o que ele é. Neste sentido, a postura prática é contrária à postura cognitiva. O poder é sempre invisível.

Perante a infinidade de objetos que nos rodeiam, o homem tem dois graus de relacionamentos com estas coisas. O primeiro é cognitivo e o segundo é prático. A entrada no domínio prático faz que cesse a postura cognitiva. Você pára de conhecer para, a partir da, manipular. Quando o primeiro homem das cavernas decidiu derrubar uma árvore para fazer dela um banco, uma cadeira, ou qualquer outra coisa, para fazer isto ele parou de perguntar o que é árvore. Ele conheceu a árvore até certo ponto e depois quis transformá-la em outra coisa. A entrada em cena da ação prática interrompe o circuito cognitivo. A partir do momento em que eu transformo a árvore em cadeira, não conheço mais a árvore enquanto tal, só conheço o meu plano -- o foco de atenção mudou. Antes se prestava atenção na coisa, no objeto, e agora tenho em mente uma outra coisa que não existe ainda, chamada cadeira.

Por isso mesmo é um absurdo o marxismo dizer que o conhecimento provém da prática, que a motivação do conhecimento é uma motivação fundamentalmente prática. O conhecimento ter uma origem prática seria uma impossibilidade manifesta, porque a entrada em cena da prática interrompe o conhecimento do objeto, dissolve o objeto e o transforma numa outra coisa.

Uma cadeira é uma das infinitas coisas que eu posso fazer com uma árvore. No instante em que decido transformar a árvore em cadeira, desconheço todas as outras possibilidades e desenvolvo apenas uma das propriedades da árvore e passo a me interessar somente por esta propriedade. É o conhecimento seletivo. Eu poderia talvez fazer outras coisas com a árvore, poderia esperar que desse frutos para tirar as sementes e plantar uma outra árvore, poderia transplantá-la para outro lugar, poderia fazer inúmeras coisas. No entanto, apago tudo isto. De agora e diante a árvore como totalidade não me interessa mais, interessa a mim apenas só uma de suas propriedades, que é a de ser serrada, virar tábua para virar cadeira e mesa.

O cognitivo é primeiro, o prático, o segundo. Claro que do prático eu criei outro objeto, agora criado por mim mesmo e posso ter uma atitude cognitiva em função deste objeto. Mas o cognitivo é primordial e o prático é secundário. Quem quer que tenha um bebê em casa pode confirmar isto: o bebê começa a conhecer antes de começar a agir. Isto é de uma obviedade tão grande que não sei como um gênio como Marx pôde ignorar uma coisa dessas!

P - Piaget diz que as duas coisas acontecem simultaneamente, não é?

Não. Há um processo dialético, mas alguém tem que dar o lance inicial da dialética. O bebê estava vivo antes, mas viver é uma coisa e agir é outra. A partir do momento em que ele está vivo, tem sensações e percepções. Já começou a cognição e a ação não começou. A possibilidade da ação será sugerida ao garoto depois de uma infinidade de percepções que ele já teve. Sintetizando uma milhão de percepções é que lhe ocorre fazer alguma coisa para obter algum resultado. A cognição tem um aspecto mais passivo que a ação, embora a cognição não seja totalmente passiva. A cognição é uma ação do espírito. Porém, em termos de quantidade de ação, ela está um grau abaixo da prática. Para haver prática, que já é um grau mais elevado de síntese, precisa haver cognição, senão não é possível.

Nas relações com todos os seres podemos ter esta dupla atitude: ou estamos procurando conhecê-lo ou estamos procurando transformá-lo. É claro que na vida prática dificilmente estamos interessados em conhecer o que quer que seja, sempre supomos que o conhecimento que temos é suficiente. Porém, quando da postura prática cotidiana passamos para uma postura científica, ou seja, queremos transformar algo, mas transformar cientificamente, então o momento cognitivo tem que se estender. A cognição é um momento do processo prático, do processo da ação. Porém, um momento que, na maior parte dos casos, é breve, uma fase que você ultrapassa rapidamente e passa para a ação. Mas, se é uma ação científica, então o momento cognitivo se estica, para que a ação depois possa ser mais exata e mais precisa. Ou seja, há um acréscimo de racionalidade na ação. Quando nos colocamos seriamente o problema de conhecer alguma pessoa, precisamos evidentemente abandonar a postura prática. A postura prática é postura de dominar um objeto, dominar para transformá-lo no que ele não é.

Por exemplo, tenho um armazém e ponho uma placa dizendo que quero um moleque para fazer transporte. Chega o moleque para trabalhar e, evidentemente, se ele vem para trabalhar no meu armazém é porque ele não trabalhava antes. Vou dar uma série de instruções a ele para transformá-lo num carregador, coisa que ele não era antes, era apenas um moleque.

Se entro num determinado ambiente e desejo fazer com que as pessoas me considerem simpática, também estou tentando transformar as pessoas, porque se antes não me conheciam, como poderiam me achar simpático ou antipático? Não estou interessado nas pessoas, no que elas são, mas no que elas podem fazer, e quero induzi-las a fazer isto ou evitar aquilo.

Se queremos conhecer efetivamente uma pessoa, vamos ter que adiar o momento prático e esticar o momento cognitivo. Se a postura prática é uma postura de domínio, ela é, em si mesma, não cognitiva. Isto quer dizer que para conhecer o indivíduo, vamos ter que abandonar, ao menos temporariamente, a postura prática, e portanto, a postura de domínio. Vamos ter que aceitar o indivíduo tal como ele é e tal como ele está.

Com relação aos seres humanos, como se opera esta passagem? Começo a conhecer o indivíduo na hora em que desisto de encará-lo sob o aspecto do poder que eu possa exercer sobre ele e consinto em conhecê-lo tal como ele é. Isto significa que já não posso mais olhá-lo pelas costas, porque tudo aquilo que está no subconsciente dele, tudo aquilo que está nele e ele não sabe, são como alças por onde posso pegá-lo e posso transformá-lo naquilo que ele não é, mas não conhecê-lo.

Se eu desejo o seu voto numa eleição, você será meu eleitor. Só me interessa em você as forças latentes que podem transformá-lo em meu leitor, o resto não me interessa. Se você é corinthiano ou palmeirense, não faz diferença. Se eu souber que você é corinthiano ou palmeirense, posso usar isso para ganhar a sua

simpatia, dizendo que sou corinthiano ou palmeirense também. Mas você só me interessa por este aspecto.

De maneira que o conhecimento prático é sempre seletivo e o princípio dele não está no objeto, mas no interesse do sujeito. Enquanto estou olhando o indivíduo pelas costas, estou procurando nele as alças, os fios ou os botões por onde posso transformá-lo no que ele não é. Esta é uma postura fundamentalmente desrespeitosa e que só é lícita quando o indivíduo consente.

A outra postura é a de total objetividade, que é a de um semelhante olhando para um semelhante. Portanto, olhando para o ponto onde ele está olhando. Olhando nele aquilo mesmo que ele está olhando em mim, e tendo um relacionamento perfeitamente simétrico. Suponhamos uma situação de aula, como o professor vai conduzir a sua aula, para onde ele tem que olhar no aluno? Exclusivamente para sua inteligência, o resto não interessa, porque se estou aqui como professor, estou comunicando neste plano, então quero ser recebido neste plano. Se a posição é a do psicólogo perante o cliente, também aí olhar o sujeito pelas costas não é legítimo, até que você tenha esgotado as possibilidades de relacionamento no mesmo plano. Ou seja, posso começar a buscar causas desconhecidas nas ações do indivíduo somente quando esgotei as intenções. Porque quando o cliente vem me consultar, se eu sou psicólogo, ele supõe que conhece as minhas intenções. Se você vai consultar um médico, que intenções você acha que o médico tem com relação a você? É dada já como conhecida: ele quer curá-lo e ganhar seus horários e você não vai investigá-lo além deste ponto.

Enfoquemos agora a questão da causa e significação.

Onde acreditamos poder explicar um evento pelas suas causas é porque acreditamos que este evento obedece a um processo causal onde, dadas as causas, o efeito se seguirá necessariamente. Por exemplo, se desejo explicar por que jogando para cima as coisas, caem na terra, encontro algo chamado "Lei da gravidade", que vai explicar a relação necessária entre o efeito e a causa. Portanto, o enfoque causal só é perfeitamente adequado onde o enlace entre causa e efeito é necessário, porque se existe uma possibilidade do enlace ser cortado, ou seja, dada a causa, não se seguir o efeito, não adianta saber a causa. (E a sincronicidade?)

Se vamos estudar resultados da Loteria Federal, porque deu tal número, sabemos que não é possível detectar alguma causa, pois não há um elo causal necessário que faça dar um número ou outro. Desistimos então do enfoque causal. Nos atemos a uma descrição estatística. Não há explicação estatística, só um processo descritivo. Você descreve quantitativamente um fenômeno justamente porque não pode explicá-lo.

Quando no fenômeno estudado existe um elemento de arbitrariedade, o enfoque causal se torna deficiente. Se averiguarmos a mais mínima das ações humanas, vamos ver que o enfoque causal é deficiente graças à multiplicidade de causas convergentes. Ou seja, o enfoque causal jamais consegue esgotar alguma coisa, e é por isso mesmo que Ortega y Gasset disse que jamais ninguém escreveu um livro que explicasse perfeitamente bem por que alguém fez alguma coisa. A enumeração das causas seria infinita, todas elas seriam legítimas. Porém existe um elemento que interfere justamente neste arbítrio. Porque o arbítrio que faz dar um número ou outro na Loteria Federal não é do mesmo tipo de arbítrio que faz com que o indivíduo vote neste ou naquele candidato. Você não vota num ou noutro por sorteio. Não existe alguma causa que obrigue a dar 27 na loteria ou na roleta. Não existe alguma causa que obrigue você a votar num ou noutro candidato. Existe um coeficiente de arbítrio aí, porém, o arbítrio é diferente. Em um caso o árbitro é totalmente aleatório e no outro caso existe um agente causal, que produz o efeito, ou seja, ele é a origem da causa. O sujeito votou neste ou naquele candidato porque quis. Isto se chama intenção. Onde existe intenção, começa uma cadeia causal -- não tem causa antes. Isto significa que o ser humano pode ser encarado como originário, como ser que origina coisas. Ele votar neste ou naquele candidato não se explica por causas, não se explica por um passado, não houve um processo causal anterior, onde o acúmulo de causas o forçasse a votar num ou noutro candidato. Ele votou num ou noutro candidato não em função de algo que havia no passado, mas em função de algo que ele deseja no futuro -- um bom governo. Isto não é propriamente causa, porque um e outro candidato não fizeram já um bom governo, a eleição é antes do mandato. Existe uma expectativa de algo futuro, e a esta expectativa é que vamos chamar intenção, ou seja, o que o fez votar em outro não foi uma causa, foi uma intenção.

A intenção é expectativa de um processo causal futuro. Onde existe o elemento intencional, o ato cometido é explicado em função de expectativas, valores, significados, ou seja, toda uma constelação de representações subjetivas que o indivíduo faz e que para ele justifica o ato. Pode justificar certo ou errado.

Ninguém é obrigado a votar em alguém assim como uma pedra jogada para cima é obrigada a cair. Neste caso, não adianta buscar causas e, sim, intenção.

A intenção e o significado da intenção é que completarão para mim a descrição do ato. O fato de se votar em tal ou qual candidato é o fato de se executar uma intenção. Aquele ato, em particular, está dentro de toda uma constelação de significados e somente a descrição desta constelação de significados pode me explicar realmente o que ele fez. Porque poderia acontecer o seguinte: eu ia votar em tal candidato, mas na hora eu errei o quadrinho e votei no outro candidato. Não sou eleitor do adversário daquele primeiro candidato. Isto tem um significado totalmente diferente, por exemplo do fato de o segundo candidato votar em si mesmo -- nosso voto foi igual, porém com significados diferentes.

Existem muito motivos diferentes que podem justificar para diferentes indivíduos, um ato que é formalmente o mesmo.

Temos portanto dois tipos de explicações: explicação pelas causas, quando existe um processo de forçosidade, e explicação pelos motivos, intenções e significados, quando o próprio ser humano é agente causal, é criador da causa, e onde o ato se justifica não por força externa co-agente, mas por uma intenção voltada a um futuro, por expectativas, valores, etc.

Podemos compreender, que existem muitos atos humanos que não têm significação alguma, coisas que o sujeito fez sem pensar, sem ter intenção alguma. Como votar num candidato porque, ao tentar votar num, a caneta escorregou e votou noutro. Isto não tem significado, mas tem causa. No caso, uma simples causa mecânica, um reflexo errado. Tudo o que acontece portanto tem causa, mas nem tudo que acontece tem significado.

Se tudo o que acontece tem causa, aquilo que tem significado também tem causa. Isto quer dizer que um ato dotado do significado e de intenção entra dentro de um contexto de causas já existentes. Se o sujeito votou em tal candidato, então o voto dele irá fatalmente se somar aos outros, a não ser que haja um erro de computador. Uma vez cometido o ato livre e intencional, ele entra dentro de um circuito de causas, a partir do que é dotado da força do automatismo, que antes não tinha. Não há automatismo que o obrigue neste ou naquele candidato.

Também, para que eu possa cometer aquele ato, é preciso que haja outras causas, que já estão se desenrolando, por exemplo, já existe uma eleição. Eu já recebi esta seqüência de causas e simplesmente inseri meu ato dentro delas. Isto significa que em todo e qualquer ato humano vamos ter que cercar pelo lado do significado e pelo lado das causas, e poderá haver, em certos casos, amplo predomínio da ação significativa ou intencional, ou amplo predomínio das causas.

Quando estudamos astrologia e dizemos que Plutão está lá para lhe dar lições, estamos fazendo uma abordagem não pelas causas, e sim pela significação, o que significa pressupor uma intencionalidade. Esta intencionalidade é de Plutão ou de Deus? Tiremos Deus da jogada e este tipo de astrologia acabou. A não ser que a gente pressuponha que Plutão também tem suas idéias. A abordagem significativa, no caso de um fenômeno natural, depende da postulação de uma intencionalidade transcósmica, divina, portanto entramos na teologia. Se teologia não queremos, vamos ter que parar com isso. O que vai interessar na astrologia propriamente dita é o estudo descritivo do fenômeno e o estudo causal. O estudo do significado é muito problemático, porque vai variar segundo os valores humanos, não os valores de Plutão, que não foi consultado, que não se pronuncia, não fala em linguagem humana.

Como saber o significado e a intenção? Como saber o que o indivíduo queria com seu ato? Esta pergunta parece extremamente difícil porque estamos acostumados a usar uma abordagem causal para com os outros e uma abordagem significativa ou intencional com relação a nós mesmos. Temos uma espécie de ilusão cognitiva que nos transforma sempre em protagonistas da história e, todos os outros, em simples cenários.

...

Quase sempre esquecemos que o outro também pensa. Tudo isto acontece por causa do problema da palavra eu. Porque um sujeito diz "eu sou eu" e o outro diz "eu também sou eu". O que significa "ser eu"? Significa ser sujeito auto-consciente de seus atos, significa ser capaz de atos significativos, de atos intencionais, de atos não redutíveis às causas, significa também ser causa, ser criador de alguma coisa.

O homem cria situações, ao passo que os animais, as pedras, etc, só continuam os elos causais já dados anteriormente. Então, como estamos acostumados a esta ilusão cognitiva, conhecer as intenções alheias nos parece um mistério insondável.

Porque achamos tão fácil explicar os atos individuais por causas e, às vezes, até sondamos causas inconscientes, que são desconhecidas pelo próprio indivíduo, e entramos num abismo quando perguntamos qual é a intenção do indivíduo. Isso quer dizer que neste caso se acha que o subconsciente dele é mais claro que o consciente. E o meu? Exatamente o contrário. Então eu conheço o meu consciente e o subconsciente alheio. Isto nunca vai dar certo, nunca vai gerar um relacionamento igual, legítimo, verdadeiro, claro.

E se adquiríssemos o hábito contrário, e perante cada ação nos perguntássemos qual é a intenção do indivíduo, como ele se explicou aquilo? Isto significa que vou colocar-me no lugar dele e pensar como se fosse ele. Significa que, em primeiro lugar, vou buscar o que existe de razoável na ação dele, o que existe de racional, de lógico, de conseqüente, de humano. Só depois de esgotar esta parte, se eu chegar à conclusão de que este ato não pode ter fundamento racional, não pode ter fundamento humano, de que isto é uma absuridade flagrante, daí eu vou supor que o que explica o ato dele não é um significado, mas uma causa, daí mudarei meu ponto de vista; vejo que aquele indivíduo não agiu como um sujeito livre, humano, racional, mas como objeto inerme que sofre a ação das suas paixões subconscientes, do meio ambiente, do reflexo condicionado. Mas isto só depois de ter esgotado as possibilidades da ação significativa.

Isto é o preceito metodológico de Weber, o de só partir para as explicações irracionais quando as racionais falharem. Porque senão tenho que explicar as minhas próprias ações assim também, a não ser que eu justifique de alguma maneira a minha superioridade cognitiva perante os demais, dizer "eu sou Deus, eu sei tudo, eu enxergo tudo e vocês são todos uns cegos. Estou aqui instalado no consciente e vocês estão todos nas trevas, no abismo do subconsciente, são um bando de idiotas e o único que enxerga sou eu". Se eu conseguir justificar uma besteira desta, daí sim, está certo explicar as ações alheias pelas causas e, as minhas, pelas intenções.

Quando quiseram interpretar por que Freud fumava charuto, ele disse que, às vezes, um charuto é apenas um charuto, despojado de qualquer simbolismo inconsciente. Eu digo: só o charuto dele, porque o charuto alheio era sempre um símbolo fálico.

Esta duplicidade de métodos -- interpretação pelas causas e pelas intenções -- não é uma duplicidade de tipo antagonico. Não temos que optar entre a explicação pelas causas e a explicação pela significação. Em todo ato humano haverá um amálgama das duas coisas, porque dificilmente o indivíduo humano é um ser totalmente personalizado, dificilmente o homem chega a desfrutar plenamente de seu estatuto de ser racional, livre, voluntário, etc. Existe um elemento consciente, um elemento de sujeito e um elemento de objeto em cada um de nós. Saber exatamente onde termina um e onde começa outro seria um divisor de águas muitíssimo importante -- até onde sua ação é significativa, e a partir de onde sua ação é apenas causada.

Como vocês estão estudando biografias de vencedores na vida, poderão supor que uma boa parte das ações destas pessoas são ações significativas, que o indivíduo chegou a fazer o que queria, que foi ele mesmo a causa de suas ações. E, se estivessem estudando vidas, ao contrário, de pessoas que são mais vítimas das circunstâncias do que autores do seu projeto, veriam então, que a parte causal prevalece. Porém, em qualquer dos casos, a abordagem pela significação é primordial, porque é ela que vai definir o limite da outra, e não o contrário.

Em primeiro lugar, portanto, devemos entender o discurso do próprio indivíduo, entender como ele justifica os seus próprios atos. Isto significa também ouvir o indivíduo e, sobretudo, desistir da postura da superioridade cognitiva, de dizer que o psicólogo é você e o importante é que quem enxerga é você. Seria assim como um empate entre ambos. Mesmo que você saiba muito mais do que ele e enxergue muito mais do que ele, você pode até ser um sábio, mas, a respeito da vida dele certamente ele sabe muito mais que você. É preciso que ele conte a história. Você pode, no máximo, ajudá-lo, pode ser que falte uma palavra, o sujeito não sabe expressar direito suas intuições e você pode tentar ajudar.

Posso achar que quando ele agiu não foi isso que ele pensou mas estou querendo entender sua lógica, não a minha. Não a lógica do melhor, mas a lógica do que aconteceu de fato. Depois posso até dizer que seria melhor ele ter feito isto ou aquilo, mas somente depois. Se não cheguei a entender sequer a parcela de

razão que ele tinha, não posso consertar o raciocínio dele. Por exemplo, se faço uma conta errada, dada uma equação resolvo de modo errado, se você não consegue entender a conta errada que estou lhe mostrando, como vai corrigi-la? Você vai ter que fazer a conta também, ver qual foi a minha lógica.

Isto também nos vai indicar o predomínio da descrição sobre a explicação. Esta é outra regra metodológica: primeiro o que é, depois o por quê.

P - Como fica isto na relação com os astrólogos?

O astrólogo não lida diretamente com o cliente: ele tem um intermediário que é o mapa. E na verdade é o astrólogo que fala e não o outro. Mais tarde vamos ter de ver uma espécie de técnica de entrevista, onde você procurará ler toda aquela constelação de fatores de modo que o indivíduo sinta a sua própria coerência, a sua própria coesão. Isto é extremamente difícil e quando se consegue, é muito bonito. O astrólogo está na posição de ter que expressar algo sobre o indivíduo um pouco melhor do que ele mesmo expressará, mas tem que ser o discurso do cliente, apenas artisticamente melhorado. Sobretudo porque, como veremos mais tarde, o mapa expressa uma espécie de padrão cognitivo, por onde o sujeito enxerga as coisas. Este padrão não pode ser mudado e um padrão é tão bom quanto outro, não podendo ser trocado. Seria preciso então explicar este padrão e ao mesmo tempo justificá-lo, mostrando como o sujeito tem razão de ver as coisas daquele modo. Dizer que se estivesse no lugar dele (ou qualquer um outro que aí estivesse) enxergaria do mesmo modo, enxergaria exatamente isto.

Há uma frase de Chesterton: "o seu ponto de vista é necessariamente verdadeiro porque senão não seria o seu ponto-de-vista". Daí de onde você está, tem que ver exatamente o que está vendo. Isto é real.

No que diz respeito a leis gerais, princípios universais, você pode corrigir as pessoas, mas com relação ao conhecimento de sua própria vida, a descrição de seu próprio ponto-de-vista, só há uma autoridade, que é ela mesma. Só a pessoa mesma sabe contar sua própria vida.

AULA 27

Composição das biografias

Partindo da definição do homem enquanto animal racional, animal capaz de agir racionalmente, de estabelecer uma finalidade por si mesma racional e, ademais, capaz de formular os meios para que, desencadeando certas causas, atinja os efeitos desejados, isto nos dá o critério com o qual devemos enfocar qualquer vida, inclusive a nossa mesma. É claro que esta definição implica numa orientação de toda vida humana, mas não implica que esta meta da vida humana seja algo sempre consciente nos indivíduos em toda a sua plenitude. Ao contrário, isso não poderia ser assim porque, embora o homem nasça sendo homem, ele conquista esta condição congênita aos poucos. O homem, não nascendo pronto, não pode se comportar plenamente como animal racional desde o início. Também esta definição não implica que todo homem chegue a tomar posse dessa hominidade em toda a sua plenitude, o que não modifica sua condição de ser homem. Do mesmo modo que, se temos o conceito de uma certa espécie de entes, mesmo que todos os entes desta espécie sejam deformados, lesados, e não consigam desempenhar a função que lhes cabe, isto não mudaria a sua natureza.

Aqueles que já leram algum material biográfico de seus personagens, tentem então articular suas vidas de acordo com este critério, o de dividir a vida do sujeito em dois elementos: o que é ele e o que não é ele.

Vamos esquematizar o modo de enfocar estes dois pontos-de-vista sobre o indivíduo:

a) Qual o ponto onde o indivíduo se esforçou para chegar durante toda a sua vida? Quais esquemas e meios que ele concebeu para chegar lá?

b) Contra o que ele lutou? -- material artístico dado, cenário social, etc, no qual ele quis introduzir modificações e quais modificações.

Nem tudo que está em nós é nós, nem tudo que está em mim sou eu. Portanto uma transformação de si mesmo pode ser interpretada do mesmo modo.

Por exemplo, Albert Einstein: (Sol na X, Lua na VI, Vênus na XI, Marte na VIII, Júpiter na IX e Saturno na X). Sabemos que se trata de uma vida linear, com um objetivo único. Qual a meta então que norteou essa vida? Sabemos que no caso de Einstein, sua vida era totalmente voltada para a construção intelectual. O seu drama era interno e portanto os acontecimentos externos serviram apenas para atrapalhá-lo ou

ajudá-lo em seus objetivos. O impulso da vida de Einstein seria o de encontrar ordem e harmonia no seu mundo real interno, na sua concepção física do mundo, a desordem se apresentado como desafio, desafio de conciliar a vida real com os dados de conhecimentos científico. Isto seria a curva central e sabemos isto através de hipóteses prováveis.

Podemos constatar que às vezes existem acontecimentos e oportunidades na vida do sujeito que servem para um encontro com sua meta principal, e que também estes acontecimentos podem servir para desorientar o sujeito, a fim de tirá-lo deste encontro com sua meta. Em primeiro plano, devemos observar para ver se houve um acontecimento que ajudou esse indivíduo, qual foi esse acontecimento e também do ponto-de-vista negativo, o que contribuiu para tirar o sujeito do seu caminho. Vemos também que existem casos que negam a existência deste acontecimento fortuito na vida do sujeito, quando o indivíduo alega que o que aconteceu já estava preparado no seu interior -- o que quer dizer que os acontecimentos que corriam serviam apenas para um reconhecimento do que em seu interior já estava.

De posse então da definição do homem e deste esquema geral, vamos buscar os fatos destas vidas e, sem sair deste esquema geral, veremos que os fatos destas vidas combinam com este esquema geral e que os modos de realizar esta racionalidade animal são infinitamente variáveis, sem que a condição de animalidade de cada um se perca, evidentemente. Devemos delinear o modo de realização desta racionalidade naquele indivíduo em particular, evitando assim cair em novas leis gerais, procurando sempre o que é particular, próprio daquela vida.

...

Se nós não temos uma idéia muito clara de quais são as grandes dimensões da atividade humana-arte, ciência, religião, filosofia, política, etc. Muito menos conseguiremos entender algo da vida de indivíduos que estiveram envolvidos com essas coisas. É preciso nunca esquecer que arte, ciência, religião, economia, vida prática, familiar, tudo isso são modos da existência do ser humano, portanto modos da animalidade racional. O que está em todos eles é fundamental a mesma coisa. Um caso pode ser mais complicado do que o outro, mas será uma diferença de quantidade, mas não de essência. Quer dizer que a mãe de família que procura, distribuindo os alimentos, fazer o cardápio diário, está fundamentalmente fazendo a mesma coisa que Pablo Picasso. Tudo isso é atividade humana. Só não é atividade humana no homem aquilo que é puramente animal: respirar, dormir; mesmo assim isso será feito pelo homem de uma maneira humana, haverá uma interferência da racionalidade até nessas coisas. Mas tudo que seja atividade tem que ser encarado como uma modalidade da razão, a razão nesse sentido mais amplo que eu estou dizendo, e não razão como faculdade cognitiva em particular.

No caso da arte, arte é simplesmente isto: Atividade expressiva. Mas, para expressara alguma coisa, é preciso que esta coisa esteja primeiro dentro, para poder ser exteriorizada. Agora, estar dentro é fácil, porque como diz Miguel de Unamuno, "por dentro até caranguejo resolve equação". O que nós temos por dentro pode ser enormemente rico, mas o fato é que não é nosso -- porque entra e sai. Acontece, e passa. Faz parte do objeto em nós; faz parte do impessoal em nós. É no momento onde termos a intuição clara, é no momento em que tomamos consciência daquilo, que ele se torna nosso. Senão os homens se diversificam pela quantidade de espetáculos diante deles. O que interessa não é a quantidade do conteúdo que você tem dentro, do que se passa dentro de você, porém se o conteúdo é seu ou não, ou seja, se aquilo chega a ser dotado de uma forma humana, de uma forma objetiva. É justamente essa primeira tomada de posse do mundo, das sensações, dos sentimentos, etc, que se chama arte. É lógico que a criação tem várias etapas, e a etapa principal é interna. Depois tem uma etapa externa: você vai ter de mexer com o lápis ou com a máquina de escrever, ou com alguma coisa; só que isto é o fim do processo. A etapa principal é puramente intuitiva.

Todo mundo pensa que esta é a parte mais fácil, que o difícil é aprender a lidar com lápis, pincéis, telas. Mas isto é fácil, desde que você tenha nítida a forma do que você deseja representar. E o fato é que não temos. Se cada um de nós perguntar: "Por que eu não consigo ser um pintor retratista?" Eu digo: "É simples. Quando você lembra da cara de sua própria mãe, você só a lembra esquematicamente; inclusive de sua própria cara". Portanto, o que você desenhar, vai ter uma vaga semelhança com a sua mãe, suficiente para que você a reconheça; ou seja, aquilo não é um retrato da sua mãe -- é um lembrete da sua mãe. Assim como você pode usar qualquer detalhe como lembrete, porque aí o que conta é o uso do detalhe como sinal: por exemplo, uma correntinha de ouro que sua mãe lhe deu quando você era um bebê; isso é uma lembrança de sua mãe, embora não se pareça com a mãe de ninguém. Esses sinais, que são suficientes para ativar nossa memória, estão longe de ser uma intuição. Aí você está operando ao nível da

racionalidade. São sinais que, colocados num computador, este reconheceria: correntinha = lembrança da mamãe. Ou seja, toda vez que se falar correntinha, você vai se lembrar da mamãe. Agora isso nada tem a ver com intuição.

Entretanto, se não consegue lembrar-se do rosto, quanto mais da atmosfera sentimental. Claro que tudo muda conforme a pessoa: isso também depende do tipo de memória que você tem, o tipo de intuição, o tipo de objeto que atrai sua atenção. Mas não é disto que estou falando. A diferença do artista para o não-artista não é a de que o artista repara em certas coisas e a pessoa comum repara em outras: é que o artista repara direito. E conserva sua impressão, não apenas em sua memória, mas impondo aquela forma a um objeto externo -- é quase um milagre.

Numa forma extremamente concentrada e simples de arte, como o sumiê, a contribuição racional, a contribuição construtiva será pouca. Os elementos intuitivos vão predominar. Toda a arte vai implicar alguma contribuição da razão, sem dúvida, maior ou menor, conforme o caso. Quanto menor for ela, mais você se aproxima do simples.

Na arte o problema é fundamentalmente o mesmo: como é que se faz uma figura extremamente simples? Quanto mais rápida for a passagem da intuição para a exteriorização, melhor: porque você está interessado não em recordar, mas em objetivar, colocar para fora de você, não em sua memória. Se o conteúdo for complexo, a memória vai ter que ser solicitada.

O que há de diferente entre o traço do artista e do amador? É muito simples: aquele traço é exatamente o traço que o artista concebeu, e não o que a mão dele fez. Já o nosso traço, feito com a caneta, foi o que a mão fez: não tem nada de interno, é determinado por um automatismo muscular. Agora este desenho extremamente simples da arte chinesa e japonesa, é de extremo domínio do interior sobre o exterior, extremo domínio da intuição sobre a reprodução mecânica. E quem quer que tenha tentado desenhar, olha aquele traço, e diz: "Esse é um tremendo artista!" Quem nunca tentou, nunca terá esta intuição. Se você perguntar o que é o suprassumo da arte abstrata, eu lhe direi que é esta, onde a intuição é uma intuição que só acontecerá de novo a um outro artista. Neste tipo de arte que citamos, o esforço do sujeito é para reter na memória, pelo mínimo de tempo possível, usando o próprio papel como se fosse sua memória. Isso é uma espécie de jogo, jogo de habilidade artística.

O artista é aquele indivíduo que o que ele vê do objeto é exatamente o que ele vai desenhar. A intuição do sujeito já está treinada de maneira que ele já seleciona no real, por assim dizer, o que é desenhável, ao passo que nós queremos botar no desenho muita coisa que não é desenhável. Nós queremos que a galinha do nosso desenho cacareje e bote ovo.

A arte mais simples que existe é aquela a que nós estamos acostumados. É a arte do retrato. Qualquer um é capaz de dizer que um retrato se parece com a pessoa. Ou então dá até a impressão de que o sujeito está falando. Aquele que der a impressão de que o sujeito está falando, de que é vivo, vai ser aquele artista que menos pensou nisto. Por exemplo, se você pegar um retrato de Velásquez -- Velásquez talvez tenha sido o maior retratista do mundo -- era um sujeito exclusivamente visual. Quer dizer que ele, quando via o mundo, o real para ele era apenas a parte pintável: o resto não interessava absolutamente. Justamente por causa dessa extrema seleção é que dava a impressão de coisa completa.

Se acontece que a minha percepção não é deste tipo, sou um sujeito cinestético, não sou visual, eu me lembro de uma atmosfera geral, onde entram elementos visuais, auditivos, táteis, etc. É uma percepção de outro tipo. Certamente então a pintura não será meu campo de expressão. Poderá fazer cinema, que contém todos esses elementos, onde se consegue reconstituir toda uma ambientação com muito mais facilidade que com uma tela. É por isto que existo várias artes no mundo: porque as pessoas prestam atenção em coisas diferentes.

A escrita implica numa relação indireta, bastante indireta. Na escrita entra, mais do que em qualquer outra arte, a consideração sobre o espectador. Literatura é uma espécie de arte de parceria com o leitor. Você não pode fazer literatura fazendo abstração do leitor, ao passo que pintura pode.

Se queremos fazer um desenho que imite as proporções da figura real, estas proporções terão que ser mais ou menos as mesmas para todas as pessoas: o modelo não vai engordar e emagrecer conforme o espectador. Nas aulas de desenho ensina-se a atenção para que se estabeleçam comparações entre as várias medidas, as várias direções do corpo a ser desenhado, até que se consiga reproduzi-lo. Isto não é arte ainda, isto é uma ciência, uma técnica. Veja este copo: todo mundo está tendo a sensação do copo. Além da sensação, você vai ter a intuição: guarda na memória a imagem deste copo e, na hora em que

fecha o olho, o copo fica completamente diferente. Na hora de desenhar, você desenha o copo que imaginou e não o copo que todos estamos vendo. Você terá então que aprender a comparar o copo com o ele mesmo e reproduzi-lo. Você vai imaginar de novo o copo, que será mais parecido com o copo real que aquela primeira reprodução, ou seja, a imagem interna vai parecer cada vez mais com a imagem externa, até que você consiga desenhar a imagem externa. com isto você aprendeu a reproduzir imagens, que é o primeiro passo. Se não souber isso, muito menos saberá reproduzir os conteúdos fluidos da vida interna.

Geralmente concebem a arte uma espécie de expressão espontânea, como uma externalização do que está diretamente ligado aos sentidos. Mas esta é uma concepção errada. O sujeito que não conseguiu reproduzir o que está fora, algo a que ele pode retornar tantas vezes quanto necessário, não poderá reproduzir o que lhe é interno, fluido, móvel. Ele vai imaginar um conteúdo e a mão vai desenhar outro. Vai sair um pastiche. E é para evitar isso que serve a ciência da arte: para você aprender a copiar um objeto, aprender a observá-lo. Este, ainda não é arte, é apenas ciência, técnica, que carece de ser dominada para a fixação de instrumentos que permitam a reprodução das próprias intuições. Este é o elemento racional da arte.

Com toda a técnica, ciência, não se fará um artista. Ele pode aprender a reproduzir tudo que lhe está fora, porém, não consegue conceber nada. Ele apenas copiará. Ele sempre fará um copo igual a outro, a outro e a outro. Ele é um técnico, não chegou a ser um artista.

Pode haver anormalidades, como o automatismo de processos subconscientes, como no caso do Gaspareto, onde há uma constante repetição de conteúdos já dados, saímos fora da categoria de arte. Também quando o fenômeno do mercado da arte, mercado editorial, que hipertroficamente valorizam uma determinada obra -- ou uma produção qualquer carente de valor artístico -- enquanto outros reais valores artísticos são relegados ao anonimato. Depois que um determinado objeto está pronto, alguém pode ganhar dinheiro com ele.

Existe uma escola muito interessante, onde se procura fazer -- num mundo onde tudo é simulado, tudo é reprodução, onde não há intuições -- um objeto de arte, que acabe sendo valorizado não pelo seu valor intrínseco, mas pelo seu preço no mercado de arte. Foi criação de um artista americano, que imaginou fazer algo que não valesse rigorosamente nada, a não o seu preço no mercado. Ele tenta reproduzir a intuição da falsidade total, do simulacro total. Algo difícilíssimo de fazer: Isto é arte: reprodução de intuições, mesmo sendo a intuição de uma espécie de vazio, de uma ausência de significação total. Por horrível e diabólico que isto seja, é possível ser vivenciado, por ser algo verdadeiro.

O artista, quando faz isto, está nos ajudando a compreender o que se passa. Ele está dando forma sensível a uma coisa que difusamente todos nós estamos vivenciando. Como na Bienal, onde um sujeito comprou revistinhas em quadrinhos, pintou-as com pás de arado e expôs como obra sua. Pegaram para vê-la. E aí a coisa se completou -- se não pegassem, a obra estaria incompleta. Como no caso de uma tela com colagem de dólares -- falsos!

Tudo isto são maneiras de dar forma a conteúdos intuitivos pobres. Na medida em que muitas pessoas, como estas, têm o mesmo conteúdo intuitivo, a intuição vai ficando cada vez mais pobre e a arte cada vez mais cara, isso virou um outro tipo de arte, que não é mais arte plástica: é o que se chamam happening. É um evento: montagem de uma situação que é a representação da coisa intuída. Por demente que isto pareça, é arte.

A primeira vez que se faz uma coisa dessas, nota-se uma grande capacidade artística. Quando isso se torna algo mecânico, repetitivo -- como se tornou -- o seu valor se perde, não sendo isso capaz de levar a nada. Assim também como nada vale e nada leva a arte como contestação. A arte não contesta nem afirma -- simplesmente expressa. Se o conteúdo intuitivo do artista é de crítica, de ódio, de rejeição a alguma coisa, ou, ao contrário, de admiração, afirmação, não importa: a arte apenas expressará o conteúdo em questão. Artisticamente, não pode ser contestado ou defendido. Apenas filosoficamente. Algo que tem valor artístico serve para nos libertar do mundo subjetivo. O que significa dizer que aquilo que era mistério para mim, aquilo que me fascinava, hipnotizava, exposto artisticamente, deixa de ser um fantasma a me atormentar. Esta é a função libertadora da arte: pela expressão do conteúdo, ajuda a compreensão, o que por sua vez ajuda no domínio intelectual da coisa. Liberta, portanto. É o oposto do que acontece quando em todo canto se vêem repetidas reproduções de intuições já tidas por todos. Seria como tentar libertar alguém de uma prisão da qual ele já saiu.

O problema do artista é o mesmo de todo mundo: Transformar o real a partir de intenção racional e segundo modos de ação racionais.

Suponhamos agora Picasso. Quando ele pintou Guernica, ele estava na França. Ele ficou sabendo que houve bombardeiro aéreo sobre Guernica. Ele não viu o bombardeio, pois não havia televisão dotada de tantos recursos como hoje naquela época. Ouviu então notícias fragmentadas. Desenhou portanto Guernica não como ele a veria se estivesse lá, mas tal como as notícias de Guernica chegaram a um habitante de outro país. As notícias chegam aos pedaços, uns barbaramente aumentados, como notícias de rádio, como fotografias, como susto. Ele compôs então um painel feito de pedaços. Ele reproduziu a intuição que teve. O mundo moderno, no qual o homem recebe tudo por pedaços, por partes, de maneira simultânea, este é o mundo de Picasso, dado que ao estudar suas obras percebemos a reprodução deste mundo que, com tanta maestria, expressou.

Se estivéssemos falando de outro indivíduo que fosse de outro campo da atividade humana, envolvido com quatro, cinco coisas diferentes, como foi o caso de Arthur Koestler, mesmo assim teríamos que interpretar esse caso à luz do mesmo princípio. Arthur Koestler viveu no sentido de um esforço ordenador e transformador da própria razão em cima de muitas coisas diferentes -- sua vida como que começa diversas vezes algo extremamente diferente da de Einstein.

André Gide: não desejo ser nem um pouquinho melhor do que sou, não desejo parecer nem um pouco melhor do que sou. Então, tenho que ser literalmente o que sou a cada momento. Neste caso, trata-se de uma vida que não forma uma curva: é uma sucessão de instantes. Como se tratasse de um milhão de pessoas. Sua vida, seus escritos e atos deverão representar esta instantaneidade. Mas o problema continua o mesmo: a vida coerenciada pelo intuito, pela meta.

A meta é sempre formulada em palavras. Para sua formulação contribuem também elementos que são, em parte, internos, constitucionais do indivíduo; também elementos externos, por imitação de modelos, podendo-se o indivíduo ser uma imitação feliz ou infeliz do modelo que escolhe.

No caso de Picasso, seu intuito é reduzir os fragmentos de intuição a uma unidade pictórica e visual, somente isto e não unidade filosófica. No caso de Einstein, é diferente, ele buscava uma teoria que coerisse o cosmos físico inteiro. Uma só teoria. Porém, se consideramos Napoleão Bonaparte, (Sol na X ?) vemos ser um caso diferente do de Einstein: este desejava unificar e ordenar todo o cosmo físico na sua mente e na dos físicos que fossem capazes de compreender sua teoria. Napoleão procurava unificar a Europa, criar os Estados Unidos da Europa, unificar correntes históricas. Porém, não apenas em sua cabeça, o que o tornaria um historiador, um filósofo político ou algo semelhante. Não, ele tentou unificá-la materialmente, não em si mesmo.

Existe uma unidade infinita de manifestações do animal racional, ou seja, o tema, é o mesmo, sempre é a unidade de um eu, a unidade de um projeto vital que tenta perseverar por trás da variedade de situações que vive. É a tentativa de expressar esta unidade. Como no caso do Profeta Mohammad (Maomé): só há um Deus e todos deverão obedecer ao mesmo Deus. No caso de um profeta, este intuito é levado ao máximo. O que busca é a unificação total do mundo inteiro. A verdade é que nenhum consegue isto.

... O esforço de Graciliano Ramos (Sol na VIII, Lua na X, Vênus na VI, Marte na XI, Júpiter na I, Saturno na VII) foi um esforço estético. Naturalmente, pelos comentários em aula, por parte de quem está estudando sua vida, enfocou-se um linha de conduta moral que se resume no fato de que ele procurava compreender o outro naquilo que o outro podia ser, não no que deveria ser. Raciocínio de tipo: se eu estivesse no mesmo lugar eu teria feito a mesma coisa, portanto, não é injusto ele fazer comigo o que está fazendo. É claro que em algum ponto ambas as coisas -- o esforço estético e o intuito moral -- interagirão.

O artista -- como qualquer homem -- é um animal racional, é aquele que transforma o mundo com um intuito que por si se justifica perante a razão, e que é executado por meios racionais. O artista dá forma à matéria, mediante o domínio formal do mundo intuitivo, dando-lhe expressão. O artista da arte narrativa, a que tipo de intuição ele dá forma? A narrativa é feita de personagens e acontecimentos, é uma vivência temporal. O que fará o artista da palavra, (e mais particularmente um sujeito sensível às situações de equilíbrio entre direitos e deveres recíprocos, sobretudo sensível ao dever de compreender a outra pessoa desde o ponto de vista dela)? Ele contará a história a partir do ponto-de-vista de cada um, como se fosse dele mesmo. Este é o problema fundamental de Graciliano Ramos. Ele conta a história do ponto-de-vista de pessoas bastante diferentes dele. É assim que o problema moral é esteticamente transposto. Isso quer

dizer que a arte narrativa coincidirá com a preocupação dele, o seu sentimento moral se corporificá em intuições.

Nem todos que possuíssem esse sentimento moral seriam capazes de contar a história. Posso ter sentimento de compreender o outro desde seu ponto-de-vista mas não possuir a arte narrativa. Neste caso, não sou capaz de imaginar a história tal qual ela seria vista pelo ponto-de-vista do outro. Teria que recorrer à argumentação, que é uma preocupação minha, para a qual não tenho uma tradução estética à altura.

Também há o caso do sujeito moralmente rigoroso, que não é capaz de ter a intuição correspondente ou mesmo de compreender aqueles que o circundam.

Quando, ao abordar Graciliano Ramos, o que se destaca nos comentários foi o sentimento moral, ficamos diante não da biografia de Graciliano Ramos, mas da de quem a comentou. Uma vez que o esforço máximo de G. Ramos foi o esforço estético, é por aí que devemos olhá-lo. Senão não compreendemos por que Graciliano Ramos foi um grande homem e por que escreveu tantos livros.

Toda esta bondade poderia se exercida num outro campo: como juiz de direito, por exemplo. Sentenciaria de forma justa cada caso. Seria então sentença justa e não arte. Mas ela vivenciava sua preocupação com arte de maneira estética e não sob a forma de princípios gerais, axiomas, máximas, normas e leis. G. Ramos a vivenciava através de histórias imaginadas por ele e através de histórias reais. Ele conta tão bem a que imaginou quanto a que conheceu. Ele vivenciava os personagens como os descrevia. Ele os imaginava do mesmo jeito que os descrevia. Não é uma preocupação moral primeiro e depois estética. A preocupação moral já é estética no primeiro lance. Se se pedisse a ele para formular máximas morais ele não responderia. Cada pessoa que ele conhecia, parava para perguntar o que tinha feito, porque agira assim ou assado, nesta ou naquela situação, que razão tinha. Um de seus personagens, Paulo Honório -- da obra São Bernardo -- é descrito com uma coerência do princípio ao fim, no sentido de que G. Ramos o tratava como se fosse ele mesmo. Quando descreve uma situação vivida, -- em Memórias do Cárcere -- ele a trata com a mesma coerência estética e domínio dando expressão verbal à crença de que todas as coisas têm o seu motivo e esse motivo pode ser encontrado. Em sua obra Infância, a maneira de abordar cada personagem obedecerá também a esse modo, ou seja, esta busca de dar uma forma que mantenha viva a coerência dos atos e das razões dos atos. Toda a obra se desenvolve sobre os personagens que conheceu e personagens imaginários. Isto lhe permite falar por boca de personagens que são muito diferentes dele, conferir a justificativa que ele mesmo vê, dar razão ao personagem, sem discutir com ele.

P - Pode-se dizer que havia nele uma tensão constante de manter isso assim, como um artista que não quer deixar a arte escapar das suas mãos?

Existem muitos bons biógrafos que são maus narradores, pois contar uma biografia não é propriamente apresentar uma narrativa bruta, mas oferecer uma compreensão. Há biografias mais teóricas como um ensaio sobre a vida do sujeito.

P - Graciliano Ramos se mostra através de suas obras?

Sim. Por empatia, quando alguém comunga com uma preocupação moral que também é a sua, dá para compreender certos aspectos, o que dará maior verossimilhança ao personagem.

Para compreender o sujeito nos seus próprios termos, não é uma questão de ternura, mas de objetividade científica. Qual é o centro de esforço do sujeito? No caso de G. Ramos é evidentemente estético. É a única coisa que faz com seriedade e devemos explicá-lo desde aí. Se houve uma preocupação moral, o que importa é que ela é vivenciada esteticamente e não de modo teórico. Para nos orientarmos numa biografia, olhamos primeiro para o centro do esforço, depois para a natureza deste, para que a vida vá adquirindo uma forma. É mais fácil conhecer aqueles que têm um centro de esforço pronunciado e evidente, do que os que têm uma vida dispersiva. Neste caso, é necessário observar mais. No caso de G. Ramos, podemos concluir que ele tinha um índice de ternura alto, já que percebia o outro intuitivamente, não por esforço intelectual. Existe, no seu caso, uma curiosa fusão da estética com a moral. Fazia justiça tanto a personagens reais como imaginários. Quando a gente examina a sua obra pelos cânones do realismo tradicional, percebesse-se que a verossimilhança falha o tempo todo. Ele consegue dar verossimilhança a personagens que quando examinado à luz da razão são totalmente inverossímeis. Por exemplo, Paulo Honório, um fazendeiro grosseiro, com impulsos assassinos, que escreve sua própria narrativa como se fosse Eça de Queirós. É um absurdo estético. No entanto, lendo a obra não se tem, enquanto a lê, essa impressão.

Antônio Cândido se engana quando, analisando G. Ramos, diz que ele se adapta à língua dos personagens. Todos dizem que é uma narrativa realista. Paulo Honório, porém, narrando sua própria história demonstra um domínio da arte narrativa que é próprio dos artistas, mas é algo não verossímil. Como isso funciona? Como entendê-lo? Como acreditar, se o discurso não combina com o personagem? É que ele torna tão justo o ponto-de-vista, que este adquire uma dimensão universal. É uma intuição que o sujeito eleva ao nível do arquétipo. Não é o Paulo Honório histórico que ele está descrevendo. É perante Deus que ele está contando a sua história.

AULA 28

Vejamos alguns casos de biografados.

- Meu biografado é Fernando Pessoa e o que eu li até agora não foi o suficiente para me esclarecer o seguinte ponto: toda sua obra, que é reconhecidamente poética, está marcada por uma investigação de si mesmo (ele pergunta muito a respeito de si mesmo e do ato criativo). Por que ele não foi psicólogo (apesar de ele ter tentado se estabelecer como astrólogo durante um período em Lisboa?) Na realidade, toda sua produção foi eminentemente estética e inclusive fala algo curioso sobre a poesia e filosofia: "Eu era um poeta animado pela filosofia, não um filósofo com faculdade poética. Gostava de admirar a beleza das coisas, rastrear no imperceptível do minuto que passa a alma poética do universo". Depois ele fala das coisas que percebe e que tudo tem poesia e define poesia como espanto e admiração "como alguém que ao tombar dos céus com plena consciência de sua queda olhasse atônito para todas as coisas; como alguém que conhecesse as coisas nas suas almas, tudo fazendo por não recordar-se, desse conhecimento lembrando-se de que não foi assim que as conheceu, não foi sob essas formas e essas condições, mas de nada mais lembrado."

Por que ele não foi psicólogo, se a sua busca era a investigação de si mesmo?

Olavo: No que um psicólogo se diferencia de uma poeta?

- É uma diferença de expressão. O poeta dá forma à sua intuição, o psicólogo ao pensamento.

O. : Isso mesmo. Uma coisa é você conhecer o si mesmo empírico, real, concreto e outra coisa é você querer conhecer no nível conceptual. Uma coisa é você desejar ter conhecimento intuitivo do seu eu e outra coisa é você desejar ter conhecimento conceptual, racional do eu em geral. Acho que ele mesmo já matou a charada quando diz "Eu sou um poeta animado de filosofia e não um filósofo dotado de expressão poética".

Quais são os campos fundamentais, básicos, onde o esforço humano se situa? É importante que vocês diferenciem isso.

Há um quadro que nos é dado por Benedetto Croce que é seguinte:

Croce parte da dualidade da razão e da intuição. Intuição é um conhecimento singular, razão é um conhecimento universal, ou seja, o espírito humano só tem dois tipos de atuação: a intuição e razão e esses dois tipos se aplicam de um lado à teoria e de outro à prática. Todos os demais campos de atuação humana resultam da combinação desses dois, não se constituem realidades independentes. Isto quer dizer que tudo o que o indivíduo faz, ou ele faz arte de alguma maneira, ou ciência ou age utilitariamente ou economicamente -- econômico no sentido de tudo o que é útil -- ou então está praticando ação moral.

A ação utilitária é a que visa a um fim singular, particular. A ação moral está voltada para um fim universal ou, por assim dizer, a um fim racional.

Croce diz que a economia é como se fosse a estética da prática e a moral como se fosse a lógica da prática.

Os quatro campos são, portanto, Lógica, Estética, Economia e Ética ou Moral.

Qualquer coisa que um sujeito faça visa a obter um conhecimento de leis e conceitos universais ou leva ao conhecimento de um fenômeno, de algo singular (de uma experiência real). Ou visa a alcançar um bem particular ou visa a alcançar um bem universal. Divisão mais detalhada disso é possível combinando-se essas quatro formas.

Vocês devem enquadrar os personagens em estudo neste quadro. Ninguém conceituou isso tão bem quanto Croce.

Necessariamente, o personagem não se enquadraria em apenas um dos quatro tipos. Porém, há um -- desses quatro -- que articula os outros. Por exemplo, Fernando Pessoa, o que ele é? Um poeta? Um filósofo? É um poeta-filósofo ou um filósofo-poeta? Nietzsche é um filósofo-poeta, assim como Parmênides. Aonde Fernando Pessoa quis chegar? A um conhecimento conceptual ou universal ou a uma intuição de si mesmo? A intuição de si mesmo.

Goethe, como ele expressa a experiência adquirida? Em um sistema de conceitos e juízos ou em um sistema de imagens? Em um sistema de imagens. Goethe seria colocado na estética, portanto. Também ele é um poeta-filósofo.

Deve-se ver que tipo de conhecimento o sujeito buscou, que forma usou para expressa-se, pois supõe-se que a forma de expressão adotada é adequada àquilo que ele conheceu. Não fosse assim e seria a mesma coisa que conhecer uma coisa e falar de outra.

P. : A política seria algo no campo prático? Poderia estar tanto no âmbito da ação moral quanto utilitário.

Sem dúvida. Consideramos Mussolini. O que ele procurava? Poder pessoal, nem pensar, pois dizer isso seria fazer um julgamento moral dele e não era assim que ele se entendia.

O objetivo de qualquer ação é sempre um bem. Mesmo que alguém queira fazer mal para alguém, dado que um mal para meu inimigo pode ser um bem para mim. Se eu roubar, por exemplo estou buscando um bem para mim. O mal na ação é acidental. Tanto que se eu pudesse ter dinheiro sem precisar roubar, eu não roubaria. O que não quer dizer que o bem dependa de um julgamento moral. Existem vários tipos de bem: O bem para o indivíduo (bem individual) e o bem universal. O sujeito que rouba, logicamente não está fazendo um bem universal. Ele também não está procurando o mal para si mesmo. Pode ser até que consiga o mal: ao tentar roubar, algo dá errado e ele vai para a cadeia. Conseguiu fazer o mal para si mesmo. Mas não era visto que ele queria. Portanto toda e qualquer ação visa a um bem, absolutamente toda ação, a não ser que seja uma ação diabólica, que exige o mal para todo mundo, inclusive para o sujeito da ação. Ela visa isto conscientemente e deliberadamente.

Mesmo uma ação particular pode gerar outros resultados maiores, mais universais. Por exemplo, o sujeito deseja enriquecer. Ele quer ficar milionário e para isso monta uma pequena empresa e, na medida em que vai ganhando dinheiro, vai montando outras empresas e assim vai indo longe. Nesta algura, gerou emprego para muita gente, melhorou o meio social. Porém, tudo isso foi efeito secundário. Da mesma maneira que o sujeito pode querer um bem universal e fazer um mal particular. Também pode fazer o mal para todo o mundo. Porém, não é nossa preocupação ver as consequências que a ação do indivíduo teve acidentalmente para outros. Queremos ver o que é e quis, aonde ele queria chegar -- seu objetivo, meta, intenção.

No caso de Hitler, visava a um bem particular ou universal? Se a raça alemã era a melhor de todas e ele queria colocar a raça alemã numa hierarquia, no ponto alto da pirâmide, isto não era instaurar a ordem cósmica, na sua visão? Então é uma ação moral, evidentemente. Dificilmente você vai encontrar na política um indivíduo que tenha ocupado muito espaço e que desejava um bem particular.

A ação moral é uma ação que se funda em conceitos. Ela se funda numa justificativa racional do bem a ser alcançado. O sujeito age segundo um princípio moral, pode ser o princípio certo ou errado ... O que visa a um bem pessoal, não está agindo em nome de princípios quaisquer. Ele age mais calcado no conhecimento intuitivo, do tipo: quero determinada coisa e vou lá pegá-la. Não é preciso ter um princípio moral abstrato para dizer que quer comer chocolate, que quer dinheiro.

p. : A mesma ação pode ser utilitária ou moral em função da intenção? No caso do empresário que visasse somente gerar empregos a melhorar a condição social e acidentalmente ficasse mais rico, seria uma ação moral?

Sim. Por exemplo, o político que deseja reformar o mundo. Para isto ele tem que adquirir poder e com o poder vem o dinheiro e aí ele fica rico, embora isso não decorresse de uma ação fundamentalmente utilitária, mas moral. O que vai explicar as ações do sujeito é fundamentalmente a sua intenção, e não suas consequências acidentais.

Podemos interpretar Hitler porque, no seu entender, ele visou um determinado bem, porém as consequências do que fez foram tão más que vemos que foi uma ação diabólica, embora o sujeito agente supusesse que estava fazendo o bem. Ele foi enganado pelo destino. Essa não pode ser uma interpretação? Porém, como posso fazer uma interpretação antes de saber o que o sujeito imaginava estar buscando?

Mesmo quando for explicado que a causa das ações foi de fato outra que não aquela que ele imaginava, temos que saber qual ele imaginava. Este é sempre o princípio da interpretação: Onde o indivíduo quis chegar e como é que se formou para ele sua meta? Esta mesma coisa poderia ser referida como partes ativa e passiva, Yang e Yin, as consequências que a ação desencadeou sendo secundárias. Primeiro o um depois o dois, primeiro o protagonista e depois o antagonista.

Para saber o que o sujeito quis fazer é preciso saber o que ele fez e dar o nome certo àquilo que ele fez.

Às pessoas imaginam que essa intenção de que estamos falando é um segredo psicológico que está escondido dentro do indivíduo. Conhecendo a quase totalidade dos atos que o indivíduo faz, os mais significativos, então ou teremos que supor que ele fez nada do que quis, isto é, que ele sempre queria uma coisa e fazia outra, ou então temos que reconhecer que já conhecemos as intenções dele. Se o indivíduo passa noventa por cento do seu tempo fazendo música, qual é a sua intenção? Fazer música é claro!

Este esquema do Croce não é difícil de aplicar. Só é difícil se a gente complica com uma pseudo profundidade psicológica. Se a gente imagina que existe um profundo mistério -- que o indivíduo faça uma coisa querendo outra -- aí complica tudo. Pode haver casos em que realmente seja assim. Para o indivíduo, porém, conseguir imaginar toda uma vida falsa, dar a impressão de que está fazendo uma coisa quando está fazendo outra, completamente diferente, ele precisaria ser o gênio da mentira.

É preciso olhar o que o indivíduo fez efetivamente, pois o feito traduz a intenção, por si mesma, revela se é uma intenção moral, de fé, utilitária ou prática. Não dá para explicar Hitler pela utilidade prática. Fazer tudo o que fez apenas para ficar rico, isto é inconcebível.

Se se estudar, por exemplo, a vida de Balzac, será possível ver que ele só pensava em dinheiro, ele queria ficar muito rico. Mas era nisso que ele pensava o tempo todo? Era aí que estava concentrada toda a sua atenção? Evidentemente que não. Claro que ele queria o conforto, uma vida mansa, bebidas e mulheres. Mas não era aí que estava concentrada a sua atenção. Era uma ação estética coordenada com uma ação utilitária.

Não é por coincidência que a intuição e a ação utilitária estão colocadas na mesma linha do singular. Não se opõem, não há conflito entre elas. Porém, entre uma ação utilitária e uma ação moral, a relação é bastante complexa. Quer dizer que se você aprecia esteticamente uma coisa, ao mesmo tempo que esta coisa é útil, não tem nada de mais. Porém, sabemos que entre um bem singular e um bem universal há conflito. É mais fácil o poeta ficar rico do que o santo ficar rico.

Há inúmeras combinações possíveis.

... Retomada do texto "As camadas da personalidade" (foram lidas as 12 camadas).

Essas quatro classificações dadas por Croce estão na camada do "personagem". (XI) Essa descrição contribui para delinear o personagem, isto é, o indivíduo perante a história humana, perante o campo extensivo de atuação da humanidade. Isto não se identifica absolutamente com a profissão do indivíduo, e também não se identifica com as tendências caracterológicas dele, no sentido de Le Senne.

Os traços caracterológicos que vocês vão encontrar nos seus personagens devem ser considerados independentemente desta meta. Não serão os traços caracterológicos que farão do indivíduo um homem teórico, um homem estético, um homem moral ou um homem prático. O que decide qual será o campo de atuação do indivíduo, neste sentido, é um fator misterioso, que nada tem a ver com o caráter. Portanto, em cada uma das quatro classes encontraremos indivíduos com todos os caracteres e perfis astrológicos possíveis e imagináveis. Portanto, não venham me dizer: "Fulano foi um homem estético porque tinha Vênus no meio do céu", porque aí vou lhes responder que Bismark tinha Vênus no meio do céu; nem "Fulano foi um homem moral porque tinha Júpiter não sei onde", porque nem Júpiter, nem Vênus, nem a Cauda do Dragão, nem os miolos do dragão tornarão o indivíduo nem homem moral, nem homem estético, nem homem prático, nem homem teórico. O que vocês vão descobrir depois é todo um padrão de comparações entre as duas coisas, e saber como é que certas configurações caracterológicas ajudam ou atrapalham uma meta. A configuração astrológica não determina a meta de uma pessoa; você pode testar, averiguar em milhares de mapas, não vai achar nenhuma constante. Você pode achar uma constante de grupos profissionais, o que é outra coisa, totalmente diferente.

P. -- O que seria o destino final, essa última camada da personalidade?

É se o sujeito foi para o céu ou para o inferno, ou se não foi para parte alguma. Isto é: quem é ele perante Deus, perante o bem e o mal tomados num sentido universal. Então, só há três hipóteses: foi para o céu, foi para o inferno, ou foi recusado em ambos os departamentos. Estou brincando, mas Dante disse que existe um departamento de seres tão desprezíveis, que até no inferno não passam da porta. São pessoas das quais, diz ele, é melhor não falar: "Non raggionam di lor ma guarda e passa".

Todo mundo alguma vez se perguntou: "O que será de mim depois que eu morrer?", então, alguma idéia disso o sujeito tem, mesmo que ele decida não pensar mais no assunto, é uma atitude possível. Quer dizer que a postura que o indivíduo tenha perante o que imagina ser seu destino último, é determinante do seu comportamento. A vida de alguns indivíduos é totalmente explicada em função do que eles acreditam que pode lhes acontecer depois de morrerem. Mas o fato é que não sabemos o que vai acontecer mesmo. Podemos usar a postura do sujeito perante o seu próprio destino final como um traço caracterológico, mas não podemos julgar se essa postura é verdadeira ou falsa, pois isso não é mais um problema caracterológico. Também não é um problema teológico, pois é algo que só Deus sabe. Para nós é indiferente saber se o sujeito foi para o inferno ou para o céu, mas não é indiferente saber se ele acreditava que ia para o inferno ou para o céu e por quê. Pois o que ele entendia ou imaginava a respeito, certamente influenciou seus atos, sentimentos e estados interiores durante a vida. Por exemplo, o temor do inferno, será que Dante teria escrito a Divina Comédia se não tivesse temor do inferno? Evidentemente não. Então, quer Dante tenha ido para o céu ou para o inferno, não importa, o fato é que essa questão pesou na sua biografia.

Ficou clara essa idéia de uma conformação, de uma forma total da existência, que tende para algum lugar e que, de uma maneira, às vezes clara ou obscura, direta ou indireta, feliz ou infeliz, vai se encaminhando de uma maneira cada vez mais definida em uma direção? Certamente, em alguns casos essa meta se delinea claramente já desde a infância. Se perguntassem a Mozart aos oito anos de idade o que ele queria ser quando crescesse, ele já saberia. Mas há outros casos em que é possível perceber uma enorme hesitação, como se a consciência do sujeito estivesse lutando com as trevas, com a confusão e ele não conseguisse se definir perante si mesmo. Há casos onde a meta, a vocação do indivíduo, é uma luta consigo mesmo para vencer tendências que se opõem à meta, ou então, uma luta contra um obstáculo do mundo exterior que pode ser extremamente hostil. Por outro lado, também há casos em que a vocação brota naturalmente, com toda facilidade, encontrando apoio nas tendências caracterológicas do indivíduo, e noutros casos, encontrando apoio mesmo no ambiente exterior.

Podemos colocar, como caso extremo desta última hipótese, Goethe, (Sol na X, Lua na IV, Júpiter na IV, Marte na II, Vênus na X, Saturno na I) cujos grandes objetivos vitais já encontraram apoio numa conformação caracterológica de nascimento. Ele era perfeitamente dotado para aquilo que mais gostava, além de ter vivido num ambiente familiar propício.

Um dos grandes critérios para o estudo da biografia consiste em saber o que o indivíduo queria e o que ele podia. Em outras palavras, o que ele podia realizar, em primeiro lugar, pela sua conformação caracterológica, e, em segundo lugar, pelos recursos que o meio lhe oferecia.

É importante lembrar que caráter não é destino. O destino não pode ser deduzido do caráter, caso contrário haveria uma identificação entre ambas as coisas a isto seria maravilhoso. Não haveria injustiça, nem acaso; tudo seria: "de cada um conforme suas possibilidades; a cada um conforme suas necessidades".

Há quatro versos que vou citar agora, onde está contida toda a arte da compreensão das biografias. O primeiro deles é de Mallarmé: *Tel qu'en lui-même enfin l'éternité le change*. A morte encerra o ciclo de transformações. Ela tampa, dá o limite do que o indivíduo pode ser. Por isto, dá forma à vida. Existe um simbolismo no caixão de defunto que explica perfeitamente esta idéia. Ele é feito de madeira sextavada, pois as direções do espaço são seis. Isso quer dizer que, em todas as direções, o indivíduo foi até onde podia chegar. Quando fechado, o caixão forma uma figura hexagonal.

O segundo verso é este: *E forse io solo/so ancora/ que visse*. É um verso de Ungaretti onde ele conta a história de um imigrado árabe que conheceu em Paris. Ele largou seu país, seus costumes, conseguiu um emprego insignificante, morando numa pensão de quinta categoria. Para se adaptar ao novo meio ambiente ele até mesmo mudou seu nome de Mohammed Sead para Marcel. Mas não conseguiu se transformar num francês. Um dia morreu e foi enterrado num cemitério qualquer. "E forse io solo/so ancora/que visse." "E talvez somente eu ainda saiba que ele viveu." Eu sou a última testemunha. Que

significa isso? Viver para o outro. Se não houvesse nenhuma testemunha, ele teria simplesmente desaparecido, mas no entanto, foi imortalizado na poesia de quem é talvez, o maior poeta do século.

Lamentavelmente, a maior parte das vidas são vidas fracassadas. Há pessoas que têm um destino feliz e sabem que o têm, há outras que pensam que todos os destinos se realizam com facilidade, porque assim é o destino delas. Por exemplo, um filho banqueiro considera normal possuir um banco ou possuir dinheiro. Mas a pessoa que pensa assim nunca vai entender como é o drama da biografia humana. Somente depois de ter estudado milhares de casos é que será possível perceber como quase tudo é incompreensível, como existem casos onde as pessoas topam com obstáculos que as transcendem infinitamente. Isto significa que além de ser uma imensa felicidade, é uma coisa muito rara a realização plena de um destino.

O outro verso de um poema de Rilke: "Du musst dein Leben ändern, quer dizer, "precisas mudar de vida". Aqui ele vai descrever uma obra da estatuária grega, onde em 13 das 14 linhas que compõem o soneto, ele passa descrevendo a perfeição da forma do modelo. No último verso, ele pára a descrição e coloca isto: Du musst dein Leben ändern. Aquela imagem de perfeição exige uma postura moral por assim dizer. É insuportável permanecer tão imperfeito diante de uma coisa tão perfeita. Isto significa que o estudo de vidas realizadas terá certamente um efeito sobre vocês. O efeito deve ser fundamentalmente este: não é possível se conformar com o tipo de vida que se está levando em face do que certos homens conseguiram realizar. E quando você estudar o contrário, isto é, vidas mutiladas, feias, esmagadas pelo peso da necessidade exterior, que é o caso da maioria, você dará graças a Deus pelos recursos que possui.

O objetivo dessas aulas é apenas o de que vocês percebam que a vida tem uma forma, e quando você começa a delinear essa forma é a hora de perceber a divisão entre o Yang e o Yin. Isto é, uma parte Yang, um aspecto que é reativo, que parte do indivíduo, aquilo que ele coloca voluntariamente, livremente; e uma parte Yin, que é passiva, que resiste. É somente delineando o limite entre um e outro que se tem a forma da vida.

No caso das biografias que estamos estudando, qualquer que tenha sido a qualidade do destino dos biografados, é importante saber que a parte Yang predominou a tal ponto que até hoje ouvimos falar desses personagens. Evidentemente, isto não se identifica com a fama do indivíduo. Para ser famoso é preciso ser vitorioso, mas nem todo vitorioso é famoso. Certamente, há pessoas que obtiveram vitórias espetaculares na vida e das quais nem ouvimos falar. O que importa, no que diz respeito à compreensão da forma da vida, é a somatória final do jogo entre protagonista e antagonista, que se delinea na morte. A morte encerra o jogo. Então é possível fazer a somatória: Quem ganhou? Quem perdeu? É justamente este placar que exhibe a forma da vida humana.

Há vidas em que tudo parece indicar uma certa direção e que, repentinamente, são truncadas. Por outro lado, há vidas que alcançam plenamente a sua meta e depois continuam, como se ainda houvesse o que fazer. É o caso de Rimbault, que realizou tudo o que tinha de realizar até os vinte anos, e depois continuou vivendo mais trinta, como mercador de armas na África.

Tudo isso serve para mostrar a imensa elasticidade de padrões. Ou seja, temos o princípio do desenho biográfico, mas este princípio não deve ser entendido como um molde que determina completamente a história daquela vida. Temos apenas o padrão, o modelo, a regra do jogo, mas não temos a menor idéia do resultado final. Para saber o resultado, é preciso estudar os fatos da vida.

P. -- Qual o critério para prosseguir a avaliação do meu biografado, no que diz respeito à divisão entre o que é dado e o que é a vontade dele?

R: Você pode descrever a meta e a história da meta. Para cada um, a história da meta pode ser diferente: ela pode ser clara já desde a infância, tendo o indivíduo a possibilidade de vislumbrar o que o espera. Ele pode, ao contrário, não ter idéia alguma e, por um equívoco, bater na porta errada, permanecendo a vida toda numa espécie de névoa, não conseguindo sequer definir-se a si próprio. Isso acontece muito no caso dos sentimentais. No caso do seu biografado, Fernando Pessoa, parece ser um sentimental "de livro". Por isso mesmo, não é de se espantar que ele, até o fim da vida, não soubesse claramente onde queria chegar.

Entre os tipos sentimentais, acontece muito do indivíduo lutar contra uma vontade que é frouxa e que ele desejaria ver fortalecida. Mas no curso dessa luta, ele chega mesmo a se conhecer, e assim, consegue até realizar algo interessante. E esse algo interessante é justamente aquilo que para nós representa o valor de sua vida, embora ele mesmo não o perceba. Esse é o caso do indivíduo que está equivocado quanto ao próprio destino. No entanto, este equívoco existe num sentido irônico. Ele pensa que fracassou, mas nós dizemos que isto não é verdade. Por exemplo, Manuel Bandeira no verso, "a vida toda que poderia ter

sido e que não foi", contempla todas as oportunidades perdidas e diz: "Agora é tarde". Este é o conteúdo da poesia de Manuel Bandeira. Mas e a obra? Não vale nada? Nos tipos sentimentais é frequente essa vitória inconsciente. Para o indivíduo, o que ele fez tem pouco valor, mas para nós tem muito!

À medida que se delinea a trajetória do personagem, pode surgir uma pergunta: o indivíduo percebe claramente o que deve fazer para alcançar a sua meta, ou fica tateando? Esse tateamento assume uma forma trágica, ou assume a forma de um "feliz engano"? Por exemplo, Goethe, no começo da vida, pensou que tinha vocação para ser ator de teatro, depois pensou que poderia ser um escritor, um poeta, um cientista. Enfim, a história de uma falsa vocação tornou-se o grande assunto dele. Finalmente, a grande obra dele será a história do Fausto, que trata justamente de uma falsa vocação teatral. Neste caso, a falsa vocação foi aproveitada, o antagonista transformou-se no protagonista, o que poderia ter sido trágico foi resolvido de um modo feliz. É a isso que o texto se refere quando fala da "reabsorção da circunstância". E o que é circunstância? É aquilo que está em torno do eu auto-consciente. Portanto, a circunstância quase sempre faz o papel do antagonista mas é justamente ela que fornece o material do qual será feita nossa vida. Se não houver antagonismo, se não houver circunstância, onde vamos realizar nossa vida? No vazio? Sem o outro não há história. Então, este "outro", este antagonista, esta circunstância termina sendo aproveitada e reabsorvida de algum modo, termina sendo transformada e, por assim dizer, alquimizada.

Ainda no exemplo de Goethe, à medida que os anos passam, existe uma consciência cada vez maior da motivação. Finalmente, ele vai elaborar toda uma ética da limitação, a ética daquilo que não dá para fazer. Ele encara os obstáculos como algo precioso. Na medida em que há consciência do que não dá para fazer, é possível se concentrar exclusivamente naquele pedacinho que dá para fazer. Desse modo, o indivíduo termina por levar a vida de um modo produtivo e criativo. O homem maduro vai operar justamente em cima da limitação. Goethe recomendava aos poetas que nunca planejassem trabalhos de longa extensão, mas que se limitassem a trabalhar naquilo que o dia permitisse, e que, se quisessem realizar uma obra longa, que o fizessem por acúmulo de pedaços. Assim ele conseguiu realizar grandes obras, isto é, planejando apenas o estritamente possível. Cada dia traz sua limitação, seu fardo. A tarefa do homem consiste, então, em resolver aquilo ali, nada mais. Essa é uma maneira particularmente sábia de reabsorver as circunstâncias. Goethe leva isso à perfeição.

Uma outra maneira de reabsorver as circunstâncias é criando uma firme oposição, defendendo ferozmente a própria independência. A vida de Beethoven é um exemplo disso. Quando as circunstâncias se opunham ao que ele pretendia fazer, ele se opunha ainda mais. Nunca desistia de fazer aquilo que queria, mesmo que fosse com prejuízo. É um outro jeito de lidar com a vida. No caso de um Goethe, trata-se de uma personalidade mais sábia, mais plástica, mais serena; no caso de um Beethoven, trata-se de uma personalidade mais belicosa.

Um outro personagem fascinante é Henri Miller, que aos quarenta e poucos anos dizia: "sou um fracasso, em toda a extensão da palavra". Dito isso, foi para Paris e começou a contar a história de seu fracasso, e escreveu um livro maravilhoso. O fracasso, neste caso foi transfigurado literariamente e assumiu uma outra forma. É isso que vocês verão aos poucos: tudo no homem é forma. O conteúdo não interessa tanto, mas é a forma com a qual você monta o conteúdo que vai determinar tudo.